



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**A presidência de Jânio Quadros à luz de debates contemporâneos sobre o
populismo**

Nil Castro da Silva

Orientador: Prof. Dr. Emerson Ferreira Rocha

Mestrado em Sociologia

Brasília – DF: 05 de maio de 2023

**A presidência de Jânio Quadros à luz de debates contemporâneos sobre o
populismo**

Nil Castro da Silva

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Mestre em Sociologia, área de concentração em Política, Valores, Religião e Sociedade.

Prof. Dr. Emerson Ferreira Rocha
Orientador (UnB/ICS)

Prof. Dr. Arthur Trindade Maranhão Costa
Examinador Interno (Unb/ICS)

Prof. Dr. Roberto Dutra Torres Júnior
Examinador Externo (UENF/LGPP)

RESUMO: A dissertação a seguir apresenta estudo do populismo na Presidência Jânio Quadros (31/01/1961 - 25/08/1961). O propósito principal é oferecer análise daquela liderança no período específico de sua presidência, segundo debates contemporâneos de populismo. Primeiramente, são inseridos os termos do debate atual sobre populismo e explicitados os conceitos de populismo ideacional e populismo como estilo, que serão utilizados. Em segundo lugar, os métodos para aplicação dos conceitos são explicitados, com destaque para análise do discurso, da retórica da estética e da estratégia populistas. Em terceiro lugar, é feita análise do período histórico dos quase sete meses de presidência de Jânio Quadros de acordo com os métodos apresentados. A sessão final contém os resultados alcançados na pesquisa.

Palavras-chave: populismo na presidência Jânio Quadros; populismo ideacional; medição do populismo.

ABSTRACT: The following text presents a study of populism during the Jânio Quadros presidency (01/31/1961 - 08/25/1961). The main purpose is to offer an analysis of that leadership in the specific period of his presidency, according to contemporary debates on populism. First, the terms of the current debate on populism are put forward and also the concept of ideational populism and populism as style, which will be used, are explained. Second, the methods for applying these concept are explained, with emphasis on the analysis of populist discourse, aesthetics and strategy. Thirdly, an analysis of the historical period of the nearly seven months of Jânio Quadros' presidency is carried out according to the methods presented. The final section contains the results achieved in the research.

Keywords: populismo during the Jânio Quadros presidency; ideational populism; populism as a political style; populism measurement.

SUMÁRIO

1. Introdução	6
2. Revisão bibliográfica.....	7
2. 1 Introdução: O populismo em dois tempos.....	7
2. 2 Populismo: Constituições iluministas e movimentos do fim do século XIV até a década de 1990	8
2.3 Populismo: meados de 1990 até o presente.....	9
2.3.1 Populismo como ideologia vaga.....	10
2.3.2 2 Populismo ideacional	11
2.3.2 Populismo como discurso.....	11
2.3.4 Populismo como estratégia de governo.....	12
2.3.5 Populismo como estilo	13
2.3.6 Populismo como lógica política	14
2.4 Populismo: Conceitos: sobreposições e aproximações	14
2.5 Populismo – Conceito utilizado na dissertação	16
3. Populismo e questões de método	18
3.1 Introdução	18
3.2 Populismo ideacional – Estrutura.....	18
3.3 Populismo ideacional e análise do discurso	20
3.3.1 Justificativa.....	20
3.3.2 Decodificando o discurso populista – Observações Gerais.....	21
3.3.3 Decodificando o discurso populista – Observações Específicas.....	22
3.4 Triangulação com o modelo de Moffitt.....	24
3.5 Análise do contexto histórico.....	25
4. Decodificando o discurso político de Jânio Quadros	26
4. 1 O populismo nos discursos oficiais de Jânio Quadros	26
4.2. Discursos: amostragem, processo de avaliação e média final	27
4.2.1 Discurso de campanha.....	29
4.2.2 Discurso de posse	34
4.2.3 Discurso internacional.....	41

4.2.4 Discurso famoso.....	47
5. O populismo como estilo.....	50
5.1 Dimensão retórica	51
5.2 Dimensão estética.....	52
5.3 Dimensão estratégica.....	53
5.4. Conclusão: o populismo como estilo	55
6. Jânio Quadros e o populismo como estilo.....	56
6.2 Retórica do presidente.....	60
6.3 Estética do presidente.....	62
6.4 Estratégia do presidente: um governo de crises	64
6.4.1. Economia.....	64
6.4.2 Política externa.....	66
6.4.3 Relações com o Congresso.....	68
6.4.4 A renúncia: uma tentativa de crise?	71
7. Conclusão: a presidência de Jânio à luz de conceitos contemporâneos de populismo.....	72
8. Referências bibliográficas	79

1. Introdução

A dissertação tem por objetivo realizar um estudo da presidência Jânio Quadros (doravante JQ), que durou de 31 de janeiro a 25 de agosto de 1961, tendo em vista conceitos contemporâneos sobre o populismo.

A produção científica e intelectual sobre populismo desenvolveu-se bastante nos últimos trinta anos, com série de conceitos, métodos, teorias e aplicações a diversos contextos históricos geográficos. Esse desenvolvimento é normalmente associado à ascensão de políticos, partidos e movimentos considerados populistas, a despeito de sua diversidade ideológica: Donald Trump, Viktor Orbán, Hugo Chávez, Evo Morales, Rodrigo Duterte, Manuel López Abrador, Jair Bolsonaro, Bernie Sanders, Marine Le Pen, partidos como Podemos na Espanha e a Frente Nacional na França, movimentos como o Brexit.

Nossa premissa é a de que o estudo sobre o governo JQ pode ser enriquecido pelo repertório acumulado e pelas chaves interpretativas dos autores mais recentes sobre populismo. A pesquisa histórica sobre o período JQ, como observamos pelas fontes secundárias disponíveis, desenvolveu-se largamente. No entanto, as interpretações sobre o populismo de JQ ainda são dominadas por noções explicitadas nos anos 1960 e 1970. Parece-nos uma lacuna que o período ainda não tenha sido estudado – nem sequer minimamente – com o repertório contemporâneo sobre populismo. Ainda mais tendo em conta que outros líderes históricos como Vargas, Perón e Cárdenas já o foram¹.

A principal ambição da pesquisa é, portanto, uma atualização da discussão sobre populismo em JQ. A noção de populismo é bastante polissêmica e uma das mais disputadas na literatura. Esse trabalho procura mostrar que o estudo de governos e líderes já há muito classificados como populistas pode (e deve) se beneficiar de uma adequada atualização do debate perante o atual estado da arte do que, nas Ciências Sociais, se entende sobre populismo.

No fundo, o presente exercício tem natureza duplamente comparativa. Por um lado, analisa a presidência JQ valendo-se de conceitos contemporâneos de populismo, na expectativa de atualizar e qualificar o rótulo já empregado, por boa parte da historiografia,

¹ Refiro-me à inclusão realizada desses líderes na iniciativa Global Populist Database (2019), detalhada adiante, bem como à constante menção a eles em diversos textos contemporâneos sobre populismo. Ainda assim, há amplo espaço, mesmo quanto a essas lideranças, para aprofundamento da pesquisa histórica – sobretudo, talvez, porque comparações no espaço tem sido mais comuns que comparações no tempo na bibliografia contemporânea sobre populismo.

à sua liderança. Por outro lado, utiliza-se da presidência JQ para testar conceitos e métodos específicos de populismo, acrescentando a verificação um caso empírico às discussões contemporâneas.

Uma vez reconhecida a relevância potencial da produção científica mais recente sobre populismo para analisar o fenômeno JQ, apresentam-se os seguintes desafios fundamentais: 1) Quais conceitos contemporâneos de populismo seriam úteis para esse exercício e por quê? 2) Quais métodos devem ser aplicados para verificar a aplicabilidade dos conceitos utilizados? 3) Como proceder à aplicação de tais métodos na análise do período histórico da presidência JQ? Tentaremos explicitar as respostas alcançadas até agora a essas perguntas na organização do presente texto.

Primeiramente, resumimos a história do conceito de populismo, o estado da arte na pesquisa e anunciamos qual conceito utilizaremos. Sugerimos que a produção científica sobre o tema tem duas fases, com “ponto de virada” nos anos 1990. Apontamos os principais conceitos de populismo contemporâneo. Assinalamos as intersecções possíveis entre os conceitos expostos. Finalmente, anunciamos que a dissertação se valerá de certa mistura de conceitos, com prevalência do conceito de populismo ideacional (Hawkins et al, 2019).

Em segundo lugar, tratamos dos métodos: apresentamos elementos introdutórios da teoria do populismo ideacional e os objetivos almejados; detalhamos nossa metodologia, composta por análise dos discursos oficiais, (Hawkins 2009), avaliação das dimensões retórica estética e estratégica (Moffitt 2016).

Em terceiro lugar, passamos à análise dos discursos oficiais sob o método de Hawkins (2009). Selecionamos os discursos de JQ e damos uma nota global a seu populismo.

Em quarto lugar, nos estendemos sobre a proposta de Moffitt de populismo como estilo e, finalmente, passamos à análise de JQ sob o seu modelo.

2. Revisão bibliográfica

2. 1 Introdução: O populismo em dois tempos

A literatura sobre populismo é extensa e diversificada. Há convergências, contudo, sobre a história do conceito e o estado da arte na pesquisa. Tais pontos são

expostos a seguir, com base, sobretudo, na contribuição de três textos, a saber, a introdução da obra de Moffitt (2016), as obras coletivas de Oxford (Kaltwasser et al., 2017) e da Routledge (Hawkins et al, 2018).

Pode-se dividir a produção intelectual e acadêmica sobre populismo em basicamente dois períodos: 1) Constituições iluministas e movimentos do fim do século XIV até a década de 1990; e 2) meados de 1990 até o presente. Na primeira fase, não há um corpus coerente sobre o conceito, apesar da tematização de movimentos e líderes denominados populistas. Na segunda fase, inaugura-se o debate contemporâneo e certa pretensão científica em fundar um conceito comum entre os diversos populismos.

2. 2 Populismo: Constituições iluministas e movimentos do fim do século XIV até a década de 1990

A história do termo populismo pode ser buscada no século XVIII. As Constituições iluministas, baseadas na ideia de soberania popular, forneceram o argumento, usado pelos primeiros movimentos que seriam depois tidos como populistas, surgidos no século XIX - como o cartismo na Inglaterra Vitoriana, o “People’s Party” norte-americano, os revolucionários russos “Naradnik - de que o “o povo” poderia invocar sua autoridade contra as elites (Kaltwasser et al., 2017).

No século XX, a origem do populismo remonta a diversos contextos históricos e geográficos. Na Europa, ganhou impulso com a ascensão do fascismo e do nazismo no período entre-guerras; nos Estados Unidos, com o macarthismo, como identificaram Lipset (1981) e Shills (1996). No nazismo e no macarthismo, por exemplo, estariam ideias que depois seriam vistas como nucleares do populismo, como a oposição maniqueísta entre interesses do povo homogêneo e aqueles da minoria, respectivamente judeus e comunistas.

Na América Latina, pode-se elencar uma progressão geracional de líderes, que seriam vistos, pela historiografia, como populistas. Ao menos quatro gerações poderiam ser identificadas:

1) a primeira, com a ascensão de Hipólito Yrigoyen na Argentina (1916 e 1920) e Arturo Alessandri no Chile (1920 e 1925), tidos como “precursores” do populismo na região;

2) a segunda, com a chegada de líderes carismáticos na Argentina, Brasil e México nos anos 1940 e 1950, como Juan Perón, Getúlio Vargas, Lázaro Cárdenas (vide

KALTWASSER et al., 2017, capítulo 1). Marca desse segundo momento é a associação de líderes populistas com mudanças estruturais na sociedade, como a modernização, a industrialização, a imigração, a difusão de rádio (Di Tella, 1965; Weffort 2003; Cardoso e Faletto 1979; Germani 1977; Chaia 1991. Weffort 2003; Benevides 1979). Os últimos inclusive, dedicaram-se ao populismo de JQ, aparece como metonímia de sua personalidade teatral (especialmente Benevides 1979) ou como consequência das mencionadas mudanças estruturais (especialmente Weffort 2003)

3) a terceira, com ascensão de líderes como José Sarney no Brasil e Alan Garcia no Peru no final dos anos 1980. Principal traço desse período é o destaque ao “populismo econômico”. Autores como Jeffrey Sachs (1989), Rüdiger Dornbusch e Sebastian Edwards (1991) identificavam populismo com irresponsabilidade econômica, inflação e gastos voluntaristas no âmbito estatal para satisfazer demandas de curto prazo.

4) a quarta, com a ascensão de Carlos Menem, Fernando Collor e Alberto Fujimori nos anos 1990. Nessa geração houve declínio da percepção que associava populismo com irresponsabilidade orçamentária nos anos 1980, em razão desses novos populistas conservadores, que pretendiam adotar receituário ortodoxo nas respectivas economias. Teria surgido um “novo populismo” ou um “populismo neoliberal” (Weyland; Kaltwasser, Taggar, Espejo e Ostiguy 2017).

Os mencionados movimentos e líderes na Europa, Rússia e América Latina, foram conceituados como populistas décadas após seu surgimento de maneira vaga e embrionária, sem explicitar qual seria propriamente o conceito de populismo. Há diversidade de usos do adjetivo populista (inclusive em seu sentido pejorativo) e do substantivo populismo. Especialmente, o populismo aparece de modo frequente como figura de linguagem (uma metonímia), seja da forma teatral do exercício do poder, do carisma do líder, da sua política econômica (heterodoxa ou ortodoxa), da perseguição de minorias.

O primeiro conceito mais elaborado de populismo data dos anos 1960, ocasião da organização de seminário editado em livro por Ionescu e Gellner (1969). Ainda assim, como descrevem Kaltwasser, Taggar, Espejo, e Ostiguy (2017; pág. 22), o livro lista uma vasta gama de significados de populismo, vinculados apenas geográfica e historicamente, sem pretensão universal.

2.3 Populismo: meados de 1990 até o presente

Conforme explica Moffitt (2016), o ponto de virada da bibliografia remonta a meados dos anos 1990, com o lançamento de livros que despertaram os debates conceituais e contemporâneos, como *Radical Right-Wing Populism in Western Europe*, de Hams-Georg Betz (1994), *The Populist Persuasion*, de Michael Kazin (1995), as edições do periódico *Telos* e os trabalhos de Paul Taggart (1995, 1996) e Kenneth M. Roberts (1995) sobre populismo na Europa e América Latina, respectivamente.

A literatura sobre o populismo ganhou considerável ímpeto desde então, tendo como pano de fundo a ascensão de partidos como Podemos na Espanha e a Frente Nacional na França, populistas de elevada visibilidade como Donald Trump, Viktor Orbán, Hugo Chávez, Evo Morales, Rodrigo Duterte, Manuel López Abrador, Jair Bolsonaro, dentre outros. Tais líderes e partidos, além de movimentos como o Brexit, estimularam debates sobre o conceito de populismo e sua relação ambivalente com a democracia.

A produção acadêmica sobre populismo tem mostrado a exigência de abordagem multidisciplinar, envolvendo disciplinas como sociologia, ciência política, economia, história (HAWKINS et al, 2018). De acordo com quem escreve, o populismo pode ser discurso, ideologia, liderança, movimento, fenômeno, estratégia, estilo, síndrome... Apesar da complexidade de conceituar o populismo e de remanescer certa fragmentação no debate, a produção acadêmica atual sobre populismo aponta para algumas convergências. O conceito de populismo poderia ser organizado segundo as seguintes principais correntes:

2.3.1 Populismo como ideologia vaga

Trata-se da posição dominante sobre populismo nas últimas décadas, baseada sobretudo na contribuição de Mudde (2007, 2013), que estabeleceu a agenda para estudos comparativos no campo. É uma concepção minimalista, no sentido que defende um mínimo de elementos básicos para classificar quais políticos, partidos e movimentos podem ser populistas e, tão ou mais importante, quais não podem (Moffitt 2016).

A fórmula minimalista poderia ser assim expressa: o populismo é ideologia vaga que considera sociedade separada em dois grupos homogêneos e antagonistas, o “povo puro” versus a “elite corrupta” e que argumenta que a política deve ser uma expressão da vontade geral do povo.

A qualificação de ideologia como “vaga” segue para afastá-la de grandes ideologias programático-normativas como liberalismo ou socialismo. Diferentemente de grandes ideologias, o populismo não apresenta modelos de sociedade, critérios de aferição de direitos, propostas de políticas públicas, modos de condução da economia.

2.3.2 2 Populismo ideacional

A definição ideacional expressa por Hawkins e Kaltwasser (2019) contém três partes fundamentais: 1) uma cosmologia maniqueísta e moral; 2) a proclamação do “povo” como homogêneo e virtuoso; 3) a visão da “elite” como corrupta, egoísta e interesseira. Os três pré-requisitos combinados são necessários para identificar o populismo ideacional. Não basta um deles apenas.

A abordagem leva o adjetivo “ideacional” por basear-se em ideias, e não em estruturas econômicas, sociais, ou estratégia. Assim, populismo é o conjunto único de ideias, o qual entende a política de modo maniqueísta, como luta entre um “povo” reificado e a “elite” conspiradora.

O conceito de populismo ideacional é bastante próximo do conceito de populismo como ideologia vaga apresentado anteriormente. Comparando ambas as definições, observa-se que:

1) Enquanto para Mudde o populismo é “ideologia vaga”, o populismo é quase isso, mero “conjunto de ideias” na concepção de Hawkins e Kaltwasser (2019): mas tanto no primeiro quanto no segundo caso a “ideologia vaga” ou o “conjunto de ideias” diz respeito a oposição entre “povo” e “elite”;

2) Ambas são minimalistas, no sentido que reduzem o conceito de populismo a seus elementos mais básicos. Isso é uma vantagem, na medida em que favorece análises comparativas no tempo e no espaço e não necessariamente exclui que outros enfoques sobre o populismo sejam utilizados de forma complementar, como veremos.

2.3.2 Populismo como discurso

Para Hawkins (2009) ou la Torre (2010) populismo é um discurso que opõe “o povo” versus “a elite”; um modo particular de expressão política, visível sobretudo em discursos políticos. Admite visão “gradativa” de populista: atores podem ser mais ou menos populistas em diferentes circunstâncias. O discurso seria distinto da ideologia.

Assim, o ex-Presidente venezuelano Hugo Chávez teria o discurso populista combinado com a ideologia socialista (Moffitt 2016).

Apesar de não enfatizar a “ideologia vaga” ou “conjunto de ideias”, mas a manifestação própria do discurso político, há pontes da concepção original de Hawkins com os dois conceitos anteriores. O discurso populista nutre-se da oposição moralista entre povo e elite. Essa premissa é, ressaltado, um dos critérios de Hawkins (2009) para medir o discurso populista.

Norris & Inglehart (2019) também definem populismo como discurso. Para eles, a retórica populista contém as seguintes ideias principais de como as sociedades devem ser governadas; primeiro, contestação da autoridade do poder instituído, acusado de arrogância nos julgamentos, errôneos nas decisões e sobretudo moralmente errado em seus princípios; segundo, afirmação de que a única fonte legítima de poder político e moral vem do “povo”, visto como autêntico, unificado, inquestionavelmente correto do ponto de vista moral.

Os autores desenvolveram amplas surveys em países europeus, que os levou a identificar certa reação cultural geracional aos avanços democráticos e libertários vividos no pós-guerra como fator causal da ascensão do discurso populista no século XXI. A democracia liberal se expandiu na Europa nos anos 1970 e 1980, seguida de uma “revolução silenciosa”, de visões progressistas quanto aos direitos de minorias e quanto aos costumes. No século XXI, faixas populacionais que poderiam sentir-se excluídas desse progresso – de modo geral, perfil comum em homens brancos, de idade avançada, de baixa escolaridade, moradores de zonas menos urbanizadas, por exemplo – passaram a vocalizar retorno a valores iliberais e tradicionais, encontrando movimentos, partidos e políticos dispostos a fazer valer a agenda populista.

2.3.4 Populismo como estratégia de governo

Trata-se de outra concepção minimalista de populismo, com foco na ação política dos líderes. Segundo Weyland (Weyland; Kaltwasser, Taggar, Espejo e Ostiguy 2017), populismo seria a estratégia política por meio da qual um líder personalista busca ou exercita poder governamental baseado em apoio direto, sem mediações, sem institucionalizações, de grande número de seguidores, em sua maioria desorganizados.

A definição política estratégica enfatiza padrões de comportamento político e relações entre líderes e cidadãos. A prevalência da relação é de cima para baixo, e não de

baixo para cima. Há uma conexão quase plebiscitária entre líderes e seguidores que dispensa uma organização intermediária. A estratégia populista compreende métodos e instrumentos de tomada e manutenção do poder específicos, diretos, não institucionalizados.

Weyland considera o conceito político-estratégico mais promissor do que o que denomina de “revival” dos conceitos discursivos e ideológicos de populismo. Apesar dos elogios que tece à medição estabelecida por Hawkins (2009) do discurso populista, Weyland afirma que a extensão dessa medida é problemática (embora não especifique o porquê). Para Weyland, as noções centradas na ideologia também teriam foco equivocado na defesa da soberania popular, deixando de lado a maneira como “o povo” delega sua soberania ao líder populista.

2.3.5 Populismo como estilo

Desenvolvida por Moffitt (2016), consiste na utilização de repertórios retóricos e estéticos, que compõem performance simbolicamente mediada, feita para públicos e que é utilizada para criar e navegar os campos de poder que incluem o político, estendendo-se do domínio do governo para a vida cotidiana. As características do populismo como estilo seriam: A) apelo do “povo” contra as “elites”; B) “maus modos”: retórica e discursos toscos e anedóticos, estética folclórica, em oposição à “compostura”, “racionalidade” e rigidez” dos políticos tecnocratas; C) insistência em “crises, colapsos e ameaças”. Trata-se, enfim, de um “estilo político” de construção social contínua de uma identidade política marcada por esses elementos. Ou seja, aos planos das ideias, dos discursos e das estratégias já destacados pelas outras abordagens, soma-se agora o plano da comunicação em sentido mais amplo, especialmente no que tange aos recursos de comunicação em massa.

Mais ainda do que isso, o conceito de Moffitt (2016) contrasta com os anteriores por sua abrangência (não é nada “minimalista” ...). Visa a compreender a complexidade do líder político em sua permanente interação com o público. É um conceito ambicioso: com as suas três dimensões citadas, Moffitt logrou criar uma perspectiva que, levada ao limite, conduz à compreensão quase totalizante do líder populista.

O conceito incorpora três dimensões, algumas das quais tem pontos em contato com outros conceitos - a primeira, que aponta o povo contra a elite, vai ao encontro do conceito de “ideologia vaga” e “ideacional”; a terceira, que identifica uma dimensão

estratégica no líder populista, vai ao encontro do conceito de “populismo como estratégia de governo”, embora se trate aqui de uma estratégia particular, a de gerar crises. A ênfase na comunicação também incorpora, e alarga, os elementos apontados pela aceção de ideologia como discurso.

2.3.6 Populismo como lógica política

Para Laclau (2007), populismo é uma forma particular de estruturar a vida política. Segundo o autor, o populismo não fala sobre um povo pré-existente, mas traz o povo como sujeito de performance e articulação política; não tem “conteúdo”, mas é uma “forma” de articulação de “demandas populares” que não foram entregues pelas instituições democráticas. Há um sistema de “equivalência” que une demandas do “povo”. As demandas são heterogêneas mas possuiriam um mesmo inimigo institucional a enfrentar, e precisariam de um significante vazio, geralmente cristalizado na figura de um líder, que as unifique.

Laclau é crítico de que o populismo seria necessariamente perigoso; pelo contrário, o populismo pode favorecer a inclusão de vastas camadas da população cujas demandas eram até então ignoradas pelas instituições e passam a articular-se. Nesse exercício, de modo explícito, o autor tenciona buscar uma nova agenda para as esquerdas mundiais. Tendo em vista esse aspecto de sua teoria e a proximidade que manteve com lideranças populistas, como Chávez, Morales, Yanis Varopufakis (economista do Syriza, ex-ministro da economia da Grécia), Íñigo Errejón (cientista político e dirigente do Podemos) o conceito elaborado por Laclau é, algumas vezes, tratado com reservas por alimentar visão normativa do populismo (HAWKINS et al, 2018),

2.4 Populismo: Conceitos: sobreposições e aproximações

Revisando e confrontando os conceitos de populismo elaborados pelos principais autores contemporâneos, são verificadas aproximações e sobreposições:

- 1) Populismo implica polarização entre “o povo” e “a elite”, no qual o primeiro tem a superioridade moral;
- 2) Esforço em retirar o caráter pejorativo da palavra populismo e transformá-la em conceito útil à compreensão de “realidades” políticas;

3) Necessidade de sublinhar que o populismo não é associado necessariamente a nenhum lado do espectro político, podendo subsistir em governos das mais diferentes inclinações político-ideológicas: ajustando-se às circunstâncias e podendo vir em diferentes “formas e tamanhos”, como seculares-xenofóbicas, religiosas-nacionalistas, anarco-socialistas, etc;

4) Tendência comparativa, tanto no espaço (mais comum) quanto no tempo (mais rara). Em relação à última tendência, útil a pesquisas sobre o passado, como a nossa, Betz (KALTWASSER et al., 2018) elaborou inspiradora análise comparativa entre diferentes movimentos históricos – o People’s Party, nos EUA, o Boulangismo na França, ambos no fim no século XIX; o movimento Gaitanista, na Colômbia, na primeira metade do século XX; e a Liga Norte, na Itália, no século XXI – testando o modelo de populismo ideacional.

5) Identificação dos opostos de populismo: elitismo e pluralismo. Em contraste com o populismo, o elitismo considera a elite como pura e virtuosa e o povo como sendo impuro e corrupto. Por sua vez, em contraste com o populismo, para o qual o povo é sempre homogêneo, o pluralismo valoriza a sociedade como constituída por grupos heterogêneos e a política como “a arte da conciliação”. Essa distinção está expressa em variados autores, como Mudde, Norris & Inglehart, Hawkins & Kaltwasser (respectivamente, 2007, 2019 2017).

Problema comum listado pela literatura é o da inderterminação do “popular”. Como afirma Muddle (Kaltasseret al., 2018), o conceito de povo é criticado por diversos autores por não existir correspondente ontológico e constituir mera construção simplificadora dos populistas. Essa afirmação é verdadeira e crítica semelhante é feita a outros conceitos centrais como “classe” ou “nação”. Porém, conceitos centrais de ideologias, baseados em “comunidades imaginadas”, para usar o termo de Benedict Anderson (1983) citado por Mudde no mesmo texto, não deixam de ter relevância, como a história evidencia.

Importante sublinhar ainda a diferença, feita na produção científica recente, entre populismo e autoritarismo. Apenas o primeiro é objeto do presente trabalho. O segundo é objeto de bibliografia teoria e métodos próprios - a começar pelo clássico fundador de Adorno et Al 1950. Registra-se que o autoritarismo é entendido, contemporaneamente, como valorização da segurança contra ameaças (reais ou imaginadas), conformidade com valores tradicionais e obediência a líderes (p. 176, Norris e Inglehart 2019). Embora populismo e autoritarismo sejam por vezes apontados como fenômenos conjuntos ou

indistintos, as conexões entre ambos são contingentes (72-73 *ibidem*). Há populismo sem autoritarismo e vice-versa; é possível um populismo libertário, antagonizando povo versus elite ao mesmo tempo em que prega a liberdade dos indivíduos em relação aos valores tradicionais; ou um autoritarismo conservador, que não se posiciona necessariamente pela proibição pelo Estado de comportamentos anticonvencionais.

2.5 Populismo – Conceito utilizado na dissertação

A dissertação se propõe a uma análise de síntese do populismo de JQ em sua presidência. É elaborada uma análise com estruturas emprestadas do populismo ideacional e do populismo como estilo.

Em termos esquemáticos, o modelo de análise que propomos para investigar o populismo de JQ na Presidência perfaz quatro dimensões, conforme a seguir:

Dimensão do Populismo	Autores	Fontes	Capítulos dedicados
Ideacional – Ideia vaga, maniqueísta, moral, opõe povo vs elite	Hawkins e Kaltwasser (2018)	Discursos – foco nos elementos textuais	3 e 4
Retórica - Bem vs Mal	Moffitt (2016)	Discursos – foco nos elementos não textuais	5 e 6
Estética - “Maus Modos”		Linguagem, vestimentas, sotaque...	
Estratégica - Geração de Crises		Momentos históricos que serviram à retroalimentação do populismo	

Primeira estrutura de análise, o conceito de populismo ideacional, elaborado por Hawkins e Kaltwasser (2019), parece por vezes uma versão “atualizada” do conceito de populismo como ideologia vaga, em diálogo com Mudde (2007). Observo que Hawkins, que defendeu o populismo como discurso político (2009), veio a ser co-autor, junto a Kaltwasser, do capítulo introdutório mencionado sobre o conceito ideacional (2018).

Talvez isso não seja indicativo de mudança no pensamento do pesquisador, mas denote uma conciliação: o populismo ideacional está presente nos discursos políticos; e estes são um dos métodos de acessar o populismo ideacional. Essa premissa parece nortear a iniciativa Global Populism Database (2019), detalhada adiante.

Os discursos políticos constituirão a base primária fundamental para informar o conceito de populismo ideacional na dissertação. O populismo ideacional nos parece representar a maturidade analítica dos conceitos de populismo como ideologia vaga e populismo como discurso; e os discursos nos parecem indicar metodologia possível para avaliar o populismo ideacional do lado das lideranças políticas. A análise do populismo ideacional baseada em discursos nos permitirá atribuir um grau objetivo de populismo de JQ, comparando-o à outras lideranças.

As três demais estruturas da análise dizem respeito ao conceito populismo como estilo desenvolvido por Moffitt (2016). Há decerto sobreposições e interpenetrações com o conceito de populismo ideacional. A dimensão retórica – apelo ao Bem contra o Mal – coincide largamente com o conceito de populismo ideacional, salvo pela extrema importância conferida a elementos não textuais da comunicação. Na dimensão estética, podem ser identificados vários elementos, como modos grosseiros, anedóticos, trajes opostos ao da classe política tradicional, expressões chulas, que podem indicar conjunto de ideias que opõe, de forma maniqueísta, povo homogêneo e elite conspiradora. De modo similar, na dimensão estratégica, a criação de crises pode fortalecer esse antagonismo de caráter moral que a liderança política alimenta.

Além de dialogar com o populismo ideacional, o modelo de Moffitt acrescenta à nossa pesquisa vantagens de ênfase e de método. A primeira é fugir à ênfase excessiva de analisar o populismo pelas fontes exclusivas dos textos oficiais, incorporando a avaliação retórica num sentido mais amplo, o estudo da estética e a análise estratégica. Isso reforça o interesse em fontes não discursivas, que tem sido ressaltadas pelos estudiosos do populismo: o tom de voz, as fotografias, as impressões das gravações de voz e vídeo disponíveis, bem como os valores que o populista incorpora e a análise política de suas ações em determinado contexto histórico.

O repertório ideacional e do populismo como estilo consiste em suficiente instrumental para a pesquisa realizada. Contudo, entendemos que a dissertação beneficia-se de outras concepções, utilizadas pontualmente. Por exemplo, quando analisamos a ascensão do populismo de JQ, examinamos brevemente as mudanças estruturais (demográficas e econômicas) da sociedade bem como a personalidade teatral de JQ,

dialogando com o populismo mencionado por autores como Weffort (2003), e Benevides (1979). De modo similar, Norris e Inglehart (2019) oferecem interpretação do populismo como reação cultural conservadora que inspira o trabalho em passagens selecionadas. O conceito de populismo como estratégia de Weyland subjaz uma visão maquiavélica do poder político, de interação entre virtú e fortuna, que pode contribuir para a análise da liderança JQ e coincide em parte com a dimensão terceira de Moffitt. O conceito de populismo como lógica política de Laclau também não pode ser totalmente descartado, na medida em que realça o “povo”, isto é, camadas populacionais com demandas legítimas, não como objeto mas como sujeito de ação política.

A dissertação, portanto, busca um modelo focado em quatro estruturas de análise; ainda assim, sempre que úteis, outras abordagens foram utilizadas. Presumimos que desta forma alcançamos em interpretação mais completa do populismo de

3. Populismo e questões de método

3.1 Introdução

A escolha metodológica pelos conceitos de populismo ideacional e populismo como estilo político, baseada nas quatro camadas mencionadas em capítulo anterior, são motivadas pelo impulso de evitar descrição histórica dicotômica ou impressionista a respeito do populismo de JQ; e, ao mesmo tempo, adicionar uma percepção qualificada do populismo de JQ à visão historiográfica tradicional, largamente baseada no populismo de JQ como expressão de certo “personalismo” ou mero resultado de mudanças estruturais na sociedade.

A escolha metodológica é beneficia-se sensivelmente do breve esclarecimento a respeito de quatro pontos, aos quais dedico os capítulos seguintes: 1) Populismo ideacional – Estrutura; 2) Populismo ideacional e análise do discurso; 3) Triangulação com o modelo de Moffitt; 4) Análise do contexto histórico.

3.2 Populismo ideacional – Estrutura

A estrutura da teoria do populismo ideacional funda-se na divisão entre demanda por populismo (enfoque nos cidadãos) e oferta de populismo (enfoque em líderes populistas).

Populismo no sentido ideacional é concebido como um fenômeno relativamente perene - não é episódico, circunscrito à ascensão deste ou daquele governo. O populismo pode estar latente e não necessariamente se traduz em ações. De certo modo, está sempre presente em sociedades complexas. Pessoas comuns podem, em certas circunstâncias, tornarem-se populistas.

Do lado da demanda, a *atitude populista* funciona como demanda latente ou *disposição populista*. Ideias populistas no nível de cidadãos não são conscientemente estabelecidas. Orientações populistas são precárias e se distinguem de orientações programático-normativas como as ideológicas: o estabelecimento do conjunto de ideias não se dá de forma pré-estabelecida como as de socialistas sobre o dirigismo da economia, o de defensores de direitos civis sobre aborto. Atitudes populistas individuais são demanda latente que deve ser ativada através de contexto e enquadramento (pag. 7 Hawkins et al, 2018, pag. 7)

Do lado da oferta, para que o populismo deixe de ser latente, são necessários:

- 1) disponibilidade de líderes com mentalidade populista;
- 2) contexto favorável aos argumentos populistas, especialmente àqueles contrários à elite do sistema político. O tipo de contexto favorável inclui como elemento fundamental uma falha intencional da representação democrática (pag 7 ibidem). Essa falha ocorre em basicamente dois contextos, corrupção e falha de responsividade dos eleitos aos cidadãos. Esses contextos causam sentimentos como medo e ressentimento, que favorecem a predisposição populista;

- 3) Enquadramento (“framing”). Lideranças políticas devem fazer despertar as atitudes populistas latentes. São ao menos três os mecanismos cognitivos a serem utilizados por uma liderança populista: A) direcionar a percepção a para atribuição de unilateral de culpa às “elites”. B) invocar conjunto específico de identidade de grupo, bem como coloca-la em oposição à identidade de “estranhos”, de modo a reforçar estereótipos e polarizações; C) explorar os sentimentos como medo, ressentimento, raiva. (9, 10.11 ibidem);

- 4) Organização, seja por meio de partidos políticos, movimentos sociais ou rede de movimentos ligado a um grupo carismático.

O estudo do populismo pode ser feito, grosseiramente, com foco nas elites políticas, ou “oferta”, ou nas massas, lado da “demanda”. Via de regra, implementa-se análise de conteúdo para verificar o comportamento das lideranças políticas e aplicação de surveys para captar atitudes e valores no nível das massas. O segundo enfoque

encontra desafios metodológicos severos em pesquisas históricas, nas quais, na impossibilidade de surveys” deve-se recorrer a fontes alternativas de difícil precisão.

A dissertação se enquadra no primeiro caso: trata-se de estudo centrado na liderança política de JQ. Com foco, pois no lado da “oferta” do populismo ideacional de JQ, não do lado da “demanda” dos cidadãos da época.

Embora não seja objetivo da dissertação analisar o populismo do ponto de vista da demanda, isto é, dos eleitores de JQ, da sociedade da época, entende-se que o mínimo de debate necessita ser introduzido, sob pena de prejudicar a análise do populismo daquela liderança. A exemplo do que ocorre na economia, “oferta” e “demanda” são muitas vezes co-dependentes e resistem a ser compreendidas quando em total separação analítica.

3.3 Populismo ideacional e análise do discurso

3.3.1 Justificativa

O populismo ideacional é define o populismo como ideia vaga baseada na oposição maniqueísta e moralista entre povo do bem e elite corrupta. Esses elementos que informam o conceito de populismo ideacional se desdobram em critérios mensuráveis, presentes sobretudo em discursos oficiais.

A medição quantitativa na forma de análise dos textos informou muitos trabalhos sobre populismo nas últimas duas décadas (de la Torre 2000; Hawkins 2003; Mudde 2007). A medição quantitativa que realizamos se baseia na abordagem holística desenvolvida por Hawkins (2009) e tem se desenvolvido desde então por meio da iniciativa Global Populism Database, detalhada a seguir.

Hawkins, em seu texto seminal (2009), propõe a medição do discurso do populismo no nível das lideranças utilizando uma forma de análise de conteúdo da psicologia educacional conhecido como classificação holística (“holistic grading”). Com essa metodologia o autor realizou estudo em 200 discursos de 40 chefes do executivo.

A pesquisa de Hawkins se desdobrou em iniciativa internacional protagonizada por, além dele, pelos pesquisadores Aguilar, Kocijan e Kaltvalsser, que escreveram conjuntamente a nota de pesquisa “Measuring Populist Discourse: The Global Populism Database (2019)”, que inaugurou o projeto “Global populismo Database”, com site próprio (vide <https://populism.byu.edu/>). Presentemente, tal iniciativa, que tenciona

ampliar o número de mandatários analisados, reúne em seu site 1240 discursos de 241 chefes de Estado de 74 países. Até agora, JQ não consta dentre os chefes de Estado incluídos.

3.3.2 Decodificando o discurso populista – Observações Gerais

A abordagem holística de Hawkins (2009) avalia os atributos gerais do texto e atribui uma classificação (ou “notas”). Distingue-se, portanto, de uma classificação analítica, que tentaria dividir o texto em partes e depois combinar o efeito dessas partes. Não se trata de uma análise palavra a palavra, mas de uma avaliação genérica para medir aspectos difusos, latentes do texto, como tom, estilo e qualidade do argumento, tendo em vista o seu contexto histórico. Não é, portanto, um exercício que se possa ser delegado a um software simples de identificação de palavras; o elemento humano é fundamental.

Em seu estudo (2009), Hawkins contou com equipe de assistentes que avaliavam o discurso, sendo dois assistentes para cada discurso. Foi evidenciado que a medição quantitativa de certo Chefe do Executivo mudava apenas marginalmente com acréscimos de mais “avaliadores” do texto. Tal descoberta foi confirmada no texto posterior de Hawkins, Aguilar, Silva, Kocijan e Kaltwasser (2019). Em 1113 textos, com o total de 2003 notas atribuídas, 886 notas foram dadas por pelo menos dois avaliadores; registrou-se “alfa de Krippendorff²” de 0,823, indicando alta correlação entre notas.

Contemplando os textos mencionados de Hawkins (2009) e de Hawkins et al (2019), observa-se que o primeiro buscou discursos no intervalo entre 1000 e 3000 palavras e a segundo, entre 1000 e 2000 palavras, aqui como patamar mínimo. Tratam-se de referências genéricas de tamanho, a serem vistas de modo não dogmático; a justificativa é que discursos com alguma extensão (mas não necessariamente demasiado extensos) denotam com mais clareza a existência ou não de traços populistas.

Hawkins notou ainda (2009) que a medição quantitativa de certo Chefe do Executivo muda apenas marginalmente com adições de novos discursos. A média de discursos por chefe de Estado no artigo de Hawkins é entre três e quatro (2009).

² O coeficiente alfa de Krippendorff, batizado em homenagem ao acadêmico Klaus Krippendorff, é uma medida estatística da concordância/ confiança alcançada por análise de mais de um avaliador ao codificar um conjunto de unidades. Quanto mais próximo de 1, maior a concordância entre as notas. A forma de cálculo pode ser conferida em https://en.wikipedia.org/wiki/Krippendorff%27s_alpha. No texto de 2019, Hawkins et Al valeram-se de fórmulas matemáticas adicionais que indicaram, também, a alta concordância dentre as notas atribuídas por mais de um avaliador.

Presentemente, o Global Populism Database anota 5,7 discursos por líder, em média. Tendo em vista as tabelas disponíveis no site, percebe-se que fatores como um mandato longo ou mais de um mandato contemplado costumam explicar a proporção relativamente mais alta dos discursos analisados.

A amostragem dos discursos pesquisados busca discursos de alto perfil, representativos da comunicação da liderança com públicos amplos. De modo geral, Hawkins (2009) indica quatro categorias para seleção de discursos: discurso de campanha, discurso de posse, discurso internacional, discurso “emblemático”. A exemplo do mencionado sobre limitações de extensão do discurso, não se trata aqui tampouco de levar as categorias como limitações dogmáticas. Por exemplo, no Global Populism Database, observa-se análise do discurso de lideranças com apenas discursos de campanha, tendo em vista que podem ser mais informativos que os discursos internacional e de posse e ainda caracterizar-se como “emblemáticos”.

3.3.3 Decodificando o discurso populista – Observações Específicas

As rubricas aplicadas na classificação dos discursos do Global Populism Database (Hawkins, Aguilar, Kocijan, Kaltvalsser, 2019) são as seguintes:

- 0- Discurso com poucos ou nenhum traço de populismo;
- 1- Discurso que inclui elementos fortes e claros de populismo, mas não os utiliza de modo consistente ou os modera incluindo elementos não populistas. Pode ter noção romantizada do povo e ideia de povo unificado mas evita linguagem belicosa ou referências a inimigos;
- 2- Discurso extremamente populista e muito próximo da letra do conceito de populismo. Em especial, expressa todos ou quase todos os elementos de um discurso populista e tem poucos elementos que não seriam considerados populistas.

Conforme explicitado por Hawking (págs 1063-1064, 2009), os critérios de avaliação do discurso populista ou pluralista são os seguintes, de acordo com tradução livre e editada do apêndix (Hawkins 2019, p 1063):

Discurso Populista	Discurso Pluralista
Evidencia visão maniqueísta de mundo. Todo tópico tem forte dimensão moral e categorias dualistas entre “certo” e	Discurso não estabelece discussão em termos morais. Há tendência em focar em problemas localizados, particulares. O

“errado”, “bom” e “mal”. Entende-se que não há alternativas intermediárias, o que leva a linguagem frequentemente belicosa.	discurso enfatiza ou pelo menos não elimina a possibilidade de diferenças naturais, justificáveis, de opinião.
A significância moral dos tópicos é assinalada em proporções cósmicas e grandiloquentes, afirmando que afetam o povo em todo lugar e em tempos variados. Há frequentemente referências a noção reificada da “história”. Discurso faz referências ligando a líderes nacionais ou religiosos reverenciados.	Não faz referência a noção retificada de história e é destituído de proporções cósmicas. Referências a consequências espaciais ou temporais são limitadas à realidade material e não a uma conexão mística.
O discurso é ainda democrático, no sentido de que o bem é incorporado na vontade da maioria. Mas a vontade da maioria é vista de modo essencialista como “todo unificado”. Esse “povo” do “Bem” é romantizado, com alguma noção do homem comum sendo visto como incorporação do ideal nacional.	Democracia é simplesmente o cálculo de votos. Isso deve ser respeitado e ser visto como a fundação do governo legítimo. A eleição não deve ser vista como meio de chegar a uma “vontade da maioria” preexistente.
O mal é incorporado em minoria, cuja identidade específica varia de acordo com o contexto. Pode ser a elite econômica, a elite racial, os Estados Unidos, ou simplesmente uma ideologia como neoliberalismo e capitalismo.	Evita-se tom conspirativo e não singulariza quaisquer minorias como responsáveis pelos males. Não rotula oponentes como representantes do mal e esforça-se por manter um tom positivo e controlar as paixões políticas
Característica fundamental, a minoria está ou estava a cargo dos poderes instituídos, subverteu o sistema para seus próprios interesses, contra a vontade da maioria. Mudança sistêmica é ou foi requerida, expressa em termos como “revolução” ou “liberação”.	Não defende mudanças sistêmicas, foca em políticas particulares e diferenciadas.

Por conta da base moralista da argumentação e da necessidade de exagerar os males da minoria, a linguagem demonstra belicosidade com a oposição.	Oposição é tratada com cortesia e como ator político legítimo.
--	--

Segundo o método, são aplicadas as notas decimais (0,1, 0,2 etc) mas 0,5 é arredondado para 1 e 1,5 é arredondado para 2 (ibidem 2019).

A interpretação dos discursos é realizada sempre à luz do contexto histórico. Em uma fase inicial, Hawkins demandava dos avaliadores justificativas curtas para as notas atribuídas, o que demandava até 45 minutos de avaliação por texto. Num segundo momento, a equipe passou exclusivamente a atribuir notas, o que reduziu o tempo de avaliação de cada texto para 10-15 minutos, sem que fosse identificada mudança da nota em relação à avaliação mais demorada (Hawkins 2009).

3.4 Triangulação com o modelo de Moffitt

O método de análise de discursos oficiais não está ausente de problemas e limitações, como apontado por Moffitt (2016). O foco em discursos implica que elementos não textuais são perdidos: por exemplo, elementos visuais, performativos, estéticos, que contribuem para a dimensão afetiva ou passional do populismo que numerosos autores têm sublinhado. A análise do texto, assim, forneceria uma visão apenas parcial de um líder populista, ignorando alguns de seus elementos fundamentais.

Embora a análise dos discursos forme um índice comparativo útil para medir o populismo, reconhecemos as limitações apontadas por Moffitt, e por isso, o método da pesquisa, além da abordagem dos discursos presidenciais, contemplará enfoques adicionais com o objetivo de buscar “visão agregada” do populismo de JQ

Primeiro método utilizado é a incorporação do quadro interpretativo do próprio Moffitt (2016). Para o autor, o populismo compreende dimensão retórica, estética e estratégica. A análise de um líder populista compreende assim três eixos:

1) dimensão retórica: oposição entre Bem e o Mal, encarnados no povo homogêneo e na elite corrupta e conspiratória;

2) dimensão estética: “maus modos”: retórica e discursos toscos e anedóticos, estética folclórica, em oposição à “compostura”, “racionalidade” e “rigidez” dos políticos tecnocratas;

3) dimensão estratégica: *modus operandi* de “crises, colapsos e ameaças”. A performance da crise segue os seguintes atos: A) identificar uma falha (real, falsa ou construída); B) elevar a falha ao nível de crise, conectando-a a uma estrutura mais vasta e a delimitando num espaço temporal; C) Contrapor “o povo” versus aqueles “responsáveis” pela crise; D) Usar a mídia para propagar a performance; E) apresentar soluções simples e liderança forte; F) Continuar a propagar a crise. A geração permanente de crises é, pois, estratégia de governo populista; um fenômeno essencialmente interno, e não externo, ao populismo.

Nos estenderemos nos capítulos V e VI sobre a metodologia proposta por Moffitt e suas implicações para a interpretação de JQ.

3.5 Análise do contexto histórico

As análise discursiva segundo Hawkins e análise do populismo segundo o modelo de Moffitt não se dão no vácuo: são ambas inseparáveis da análise do contexto histórico.

Em primeiro lugar, é necessário cruzar os discursos com as políticas e verificar se há correspondência entre palavras e ações, checar se um discurso populista (ou um discurso pluralista) se traduz em valores e práticas. Nossas referências principais nesse particular (Hawkins 2009 e Hawkins et al 2019) sublinham a necessidade de se analisar holisticamente o tom e a qualidade genérica dos argumentos dos discursos, algo que somente pode ser feita à luz do contexto histórico.

O modelo em tríade elaborado por Moffitt, igualmente, necessita da contextualização. Na dimensão de bem versus o mal, povo versus elite, quem é tratado com o primeiro, quem é o segundo? Na dimensão estética, como interpretar se a performance do ator causava determinados efeitos? Na dimensão de geração de crises, como e por que o líder populista desenvolveu essa estratégia? São perguntas que somente podem ser respondidas pelo contexto histórico específico. Tentaremos respondê-las no que diz respeito à presidência JQ.

Nos capítulos a seguir, breves análises históricas são feitas na parte de “comentários” a cada discurso selecionado. Elas ganham ainda mais espaço nos capítulos 5 e 6, em que o modelo de Moffitt é aplicado à trajetória de JQ.

4. Decodificando o discurso político de Jânio Quadros

À luz da medição quantitativa de Hawkins (2009), que resultou no projeto ora em curso do Global Populism Database, o presente texto tem por objetivo decodificar o discurso de JQ, anotando traços populistas ou pluralistas, discriminando as respectivas características e atribuindo uma nota global.

O exercício apoia-se na leitura do contexto do período JQ, apresentada em comentários aos discursos. Optou-se não apenas por atribuir as notas de avaliação de cada discurso, mas também por justificá-las, o que consumiu mais tempo de pesquisa.

Vimos que a literatura pertinente se vale de proporção aparentemente baixa para discursos por chefes de Estado. Algo que permeia os autores citados é a premissa de que tal baixa proporção é inclusive recomendável pela necessidade de centrar o estudo nos discursos “emblemáticos” e deixar de lado os discursos técnicos dirigidos a um público menor, que, caso agregados à avaliação, poderiam causar distorções – um líder com discurso mais populista poderia aparecer como mais pluralista, por exemplo.

O mandato presidencial de JQ, pela sua curta extensão, inspira cuidados para limitar o número de discursos. Como tanto Hawkins quanto a Global Populism Database citam três, quatro, seis discursos para mandatos inteiros, nosso horizonte foi o de selecionar, no máximo, quatro discursos para os sete meses que JQ permaneceu na presidência.

4. 1 O populismo nos discursos oficiais de Jânio Quadros

Nem todos os discursos de JQ são iguais. Os de campanha são comparativamente menos populistas que os feitos durante sua presidência. Verifica-se, ainda, que os discursos como presidente variam entre populistas, quando dirigidos ao público interno, e pluralistas, quando internacionais.

Os discursos de campanha de JQ são geralmente movidos pela identificação constante de si mesmo com “o povo”, que seria alvo da inflação e de elite corrupta difusamente identificada com o ademarismo, os políticos tradicionais e os funcionários públicos. Notadamente, sua campanha utilizou o rádio para veicular slogans e jingles simplificadores e polarizadores que mobilizaram a insatisfação da população. Exemplos são o slogan “um tostão” contra o milhão (“tem ou não nem razão quem rouba o rico é

ladrão e quem rouba o pobre é barão?")" e o apelo à "vassoura". para acabar com a corrupção.

Os discursos ganham impulso populista a partir da presidência. A partir de seu discurso inaugural no programa de rádio “Voz do Brasil”, JQ declara a oposição clara entre a “elite” e o “povo”: trata-se de oposição moral e maniqueísta, nos exatos termos do populismo ideacional. Especialmente, seus discursos apresentam ameaças explícitas ou veladas ao Congresso, que era composto majoritariamente por membros da oposição. JQ ignora e despreza o Congresso de forma sistemática (Loureiro, 2009); aquela instituição abriga a elite tradicional, corrupta, a ser “varrida”.

Por outro lado, os discursos mais pluralistas de JQ são os de política externa. JQ estabelece, a partir de sua presidência, a chamada “Política Externa Independente (doravante PEI)”. A PEI foi um elemento de contradição interna no governo JQ: era marcada por um discurso pluralista e não populista; e agradava a setores à esquerda e nacionalistas, em contraste com a política econômica conservadora (Skidmore, 1992).

Em síntese, os discursos de JQ apresentam traços populistas e pluralistas, que detalharemos a seguir. Seus discursos de campanha são em geral mais moderados do que os da presidência. Já na presidência seu tom se torna mais populista, exceção feita aos discursos de política externa.

4.2. Discursos: amostragem, processo de avaliação e média final

A amostra de discursos pesquisados busca discursos de alto perfil, representativos da comunicação da liderança com públicos amplos. Como vimos, Hawkins (2009) sugere quatro categorias para seleção de discursos: discurso de campanha, discurso de posse, discurso internacional, discurso famoso.

Embora o mandato presidencial de JQ tenha tido curta duração, foi possível encontrar quatro discursos que atendem aos critérios. Conforme argumentado, identificamos que os discursos de JQ variam consideravelmente entre essas categorias (especialmente “discurso famoso” vs “ discursos internacionais”). Somente com a inclusão de todas as categorias foi possível avaliar o seu populismo de forma equilibrada. Por exemplo, os discursos internacionais revelam uma faceta pluralista de JQ e tempera os carregados traços populistas de seus discursos para o público interno. Caso seus discursos internacionais não tivessem sido incluídos, teria sido alcançada uma média consideravelmente mais elevada.

A tarefa que consumiu mais tempo foi a de encontrar um discurso de campanha relevante, dada a necessidade de pesquisar os jornais da década de 1960.

O processo de avaliação, realizado por dois falantes nativos de português, desenvolveu-se da seguinte forma:

1) O leitor X foi responsável pela seleção dos discursos e fez uma primeira avaliação no dia 7 de setembro de 2023. Essa primeira avaliação durou cerca de 45 minutos para cada discurso.

2) O Leitor X apresentou avaliações ao Leitor Y em 9 de setembro de 2023. O Leitor Y tinha conhecimento prévio do “Discurso na “Voz do Brasil” e da “Carta de renúncia”.

3) O leitor Y leu os discursos, debateu com o leitor X e avaliou os textos. Não foi uma avaliação isolada, pois o Leitor X apresentou sua própria avaliação e argumentos. O Leitor Y levou de 30 a 45 minutos para avaliar cada discurso.

4) “Não houve divergências quanto às notas atribuídas ao “Discurso na “Voz do Brasil” e à “Carta de renúncia” (nota 2 em ambos).

5) Quanto ao “Manifesto à Nação”, os leitores X e Y discordaram ligeiramente sobre a extensão do grau 1 no que diz respeito a “evita linguagem belicosa ou referências a proporções cósmicas ou a qualquer inimigo particular”. Após avaliarem 1,2 e 1,3 respectivamente, os leitores X e Y concordaram em 1,25 como nota final.

6) Quanto à “Mensagem ao Congresso”, o Leitor X atribuiu inicialmente nota 0,2 ao discurso. Considerou que a referência a “gente homogênea” era levemente romantizada e fundamentava o texto, de modo que manchava seu tom pluralista. O leitor Y salientou, no entanto, que as referências a uma nação algo reificada são comuns em discursos sobre política externa, especialmente na década de 1960, e não implicam necessariamente populismo. Embora este discurso mencione ideias problemáticas como a “democracia racial”, o tom geral do texto é mobilizar a identidade brasileira para expressar uma visão pluralista e inclusiva da ordem internacional. Considerando estes argumentos, o Leitor X convenceu-se de que uma nota 0,0 era mais adequada e alterou a sua nota inicial.

Os resultados apresentam alta correlação entre as avaliações feitas pelos Leitores X e Y, convergindo com a pesquisas contemporâneas sobre discursos populistas (Hawkins 2009).

Também houve produtiva discussão, entre os avaliadores, sobre o papel dos “ghost writers” na produção dos discursos. O estilo pessoal, inconfundível, da escrita de

JQ está presente nos discursos de campanha, posse e renúncia. Já no discurso internacional suas marcas estão ausentes. Especulamos que o discurso tenha sido escrito por seu Ministro das Relações Exteriores, Afonso Arinos. Nossa premissa é que o papel do “ghost writer” passa a ser secundário, uma vez que a aprovação final e a leitura do discurso é do mandatário. Por esta razão, mesmo que o discurso tenha sido escrito por outras pessoas, o texto “pertence” ao presidente. Esse não é um particular debatido pela literatura; e supomos que dentre os centenas de discursos incluídos na “Global Populism Database” haja inúmeros redigidos total ou parcialmente por “ghost writers”, cuja função é cada vez mais importante na complexa e especializada política contemporânea.

As notas finais foram, portanto, as seguintes:

- A) Manifesto à Nação, 26 de setembro de 1960 (discurso de campanha): 1,25
- B) Discurso na Voz do Brasil, 31 de janeiro de 1961 (discurso de posse): 2,0
- C) Mensagem ao Congresso Fevereiro de 1961 (internacional) 0,0
- D) Carta de renúncia 25 de agosto de 1960 (famoso) 2,0

A nota média final de Jânio Quadros foi 1,31, o que pode ser considerado alto.. Esta nota poderia ter sido ainda maior se o discurso internacional fosse excluído. Assim, parece seguro classificar JQ, segundo a metodologia de análise dos discursos oficiais, como um presidente populista.

Comparando a média de JQ com outros líderes mais ou menos contemporâneos e de países que vivam mudanças estruturais semelhantes, temos Perón, que governou a Argentina entre 1946 e 1955, com média 1,5 na escala de Hawkins; Cárdenas, que governou o México durante 1934 e 1940, com 0,62; e Vargas, em seu governo no período democrático, entre 1951 e 1954, com 0,91³.

A seguir, seguem os discursos selecionados, com destaques em vermelho, seguidos da avaliação, tabela e comentários, nos termos exatos propostos por Hawkins (2009). Optamos por incluir a tabela original de Hawkins (2009), em língua inglesa, que recebe tradução livre em capítulo anterior (páginas 26-27); destacamos traços populistas ou pluralistas na própria tabela, seja por negrito no texto em inglês. seja por inserções de trechos do discurso oficial.

4.2.1 Discurso de campanha

³ Ver comparações com outros líderes na tabela em <https://dataverse.harvard.edu/file.xhtml?fileId=6183211&version=2.0&toolType=PREVIEW>

Diário de Notícias

Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1960

MANIFESTO DIRIGIDO À NAÇÃO, 26 DE SETEMBRO DE 1960⁴

“Chego ao final desta jornada cívica quase na completa exaustão de minhas forças, no extremo limite de minha resistência, mas com a consciência de quem cumpriu seu dever. Cruzei o país em todos os sentidos, palmilhei todos os quadrantes do território pátrio, levando às cidades, às vilas e aos povoados mais remotos a mensagem de fé e de esperança nos destinos no Brasil.

Por toda a parte, aonde quer que tenha chegado, senti o calor de um **povo que sofre, torturado e esquecido, mas que não faz de suas torturas um instrumento de desespero, senão uma demonstração iniludível de sua capacidade de sacrifício e de resignação.**

Comovi-me diante da **fibra heroica de nossa gente** que, embora oprimida pelo meio ambiente áspero e adverso, e à míngua dos recursos mais elementares da civilização, se agarra à sua própria coragem, na expectativa de dias melhores.

Neste **diálogo direto com o povo**, nos diversos rincões, transformei-me, muitas vezes, em ouvinte atento e humilde, por sentir que a mensagem que me traziam era maior do que a mensagem que eu lhes levava.

Identifiquei-me de tal modo com o seu pensamento e a sua aspiração, que nada me arredará deste ideal que abraçamos, de dar a esta geração de brasileiros as condições de vida que tem o sagrado direito.

Por força deste ideal, fiz todos os sacrifícios desta campanha, que não se restringiram ao cansaço, das andanças e das vigílias, As incompreensões, as injustiças e a maldade de alguns constituíram o bocado mais amargo. Sofri com humildade a calúnia, a infâmia e a difamação. Meus adversários, em seu desespero, não pouparam nem minha honra pessoa. Mas tenho a consciência tranquila de meus atos e sei a que extremos podem chegar no delírio da derrota os interesses contrariados, asas paixões mesquinhas e as ambições soezes. **Não respondi às provocações, mas calaram-me no fundo da alma a mágoa e o desaponto das baixezas em que se arrastaram meus detratores.**

Quem nada tem a dar de si, quem nada traz na mochila de candidato improvisado, senão promessas de um continuísmo impreciso e informe, não é estranho que, para fazer-se notar, tenha que se valer destes expedientes indignos e por todos repudiados. Nesta campanha **sou mero soldado do povo** porque dele recebi os símbolos, dele recebi as armas, dele recebi a coragem, a inspiração e a voz de comando. Sendo um, pouco valho, mas nunca falei por mim só. Sempre falei e falo em nome do povo. Só no interesse do povo, como vereador, como deputado, como governador e, agora, como candidato à Presidência da República.

⁴Fonte: Hemeroteca Brasileira

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_04&Pesq=%22instrumento%20do%20desespero%22&pagfis=7445

Não sou caçador de votos pelo arranjo de cúpulas divorciadas da vontade popular. Pelo contrário, recebi sempre os mandatos que honrei das mãos calejadas dos trabalhadores dos pais de família, das donas de casa, da juventude que não se conforma com o estado de coisas vigente e luta por um Brasil melhor.

Brasileiros,

Em nome deste Brasil Inconformado, que é o nosso, em nome desta geração que não quer falhar à sua vocação de construir o presente e o futuro que merecemos, faço um apelo para que meditem no alto sentido destes propósitos, **na nobreza da causa que defendemos, com entusiasmo, mas sem rancores, com plena convicção, mas sem a arrogância dos donos da verdade.**

Não basta, porém, votar. É indispensável que cada um, na sua casa, na sua oficina, no seu escritório, no seu povoado ou na sua cidade, se torne um construtor dinâmico desta vitória, que precisa ser alcançada, palmo a palmo, contra a displicência, contra o conformismo, contra a ignorância, contra a hipocrisia, contra a mistificação, contra a obscecação (sic) e contra a má-fé. Nossa batalha é pela vitória que implante a **moralização dos costumes administrativos, o equilíbrio nos orçamentos na República que restabeleça o valor da moeda, que restaure a confiança nos homens do governo, domine a inflação que flagela impiedosamente os humildes em benefício dos poderosos.**

Os nossos sacrifícios não têm outro intuito, senão o fortalecimento do regime, a integração nacional pela recuperação econômica das várias regiões do país e **a redenção do brasileiro** para que, liberto das endemias e do analfabetismo, passe a constituir um elemento mais dinâmico do nosso progresso.

Brasileiros de todos os quadrantes, eu vos conclamo para as eleições de outubro e vos ofereço em contrapartida da escolha do meu nome a garantia de que dias melhores virão para todos e que jamais faltará o meu governo aos compromissos programáticos que assumi pela **grandeza do Brasil.** “

País: Brasil

Nome: Jânio Quadros

Data do discurso: 26 de setembro de 1960

Tipo de discurso: Campanha

Local de fala: Manifesto distribuído em jornais

Graduadores: X e Y

Data da avaliação: 7-9 de setembro de 2023

Rubrica: 1,25

1- Discurso que inclui elementos fortes e claros de populismo, mas não os utiliza de modo consistente ou os modera incluindo elementos não populistas. Pode ter noção

romantizada do povo e ideia de povo unificado mas evita linguagem belicosa ou referências a inimigos.

Populist	Pluralist
It conveys a Manichaeian vision of the world, that is, one that is moral (every issue has a strong moral dimension) and dualistic (everything is in one category or the other, “right” or “wrong,” “good” or “evil”) The implication—or even the stated idea—is that there can be nothing in between, no fence-sitting, no shades of grey. This leads to the use of highly charged, even bellicose language. Apesar de não exatamente belicoso, discurso estabelece visão rigorosamente dualista—“povo”, “fibra heroica de nossa gente” vs “arranjo de cúpulas divorciadas da vontade popular” e “inflação que flagela impiedosamente os humildes em benefício dos poderosos.	The discourse does not frame issues in moral terms or paint them in black-and-white. Instead, there is a strong tendency to focus on narrow, particular issues. The discourse will emphasize or at least not eliminate the possibility of natural, justifiable differences of opinion. Problemas não são específicos mas sistêmicos e vagos. (e.g.”moralização dos costumes administrativos”)
The moral significance of the items mentioned in the speech is heightened by ascribing cosmic proportions to them, that is, by claiming that they affect people everywhere (possibly but not necessarily across the world) and across time. Especially in this last regard, frequent references may be made to a reified notion of “history.” At the same time, the speaker will justify the moral significance of his or her ideas by tying them to national and religious leaders that are generally revered. “a redenção do brasileiro” “grandeza do Brasil.”	The discourse will probably not refer to any reified notion of history or use any cosmic proportions. References to the spatial and temporal consequences of issues will be limited to the material reality rather than any mystical connections.
Although Manichaeian, the discourse is still democratic, in the sense that the good is embodied in the will of the majority, which is seen as a unified whole, perhaps but not necessarily expressed in references to the “voluntad del pueblo”; however, the speaker ascribes a kind of unchanging essentialism to that will, rather than letting it be whatever 50 percent of the people want at any particular moment. Thus, this good majority is romanticized, with some notion of the common man (urban or rural) seen as the embodiment of the national ideal. “povo que sofre, torturado e esquecido, mas que não faz de suas torturas um instrumento de desespero, senão uma demonstração iniludível de sua capacidade de sacrifício e de resignação”	Democracy is simply the calculation of votes. This should be respected and is seen as the foundation of legitimate government, but it is not meant to be an exercise in arriving at a preexisting, knowable “will.” The majority shifts and changes across issues. The common man is not romanticized, and the notion of citizenship is broad and legalistic.

The evil is embodied in a minority whose specific identity will vary according to context. Domestically, in Latin America it is often an economic elite, perhaps the “oligarchy,” but it may also be a racial elite; internationally, it may be the United States or the capitalist, industrialized nations or international financiers or simply an ideology such as neoliberalism and capitalism.	The discourse avoids a conspiratorial tone and does not single out any evil ruling minority. It avoids labeling opponents as evil and may not even mention them in an effort to maintain a positive tone and keep passions low.
Crucially, the evil minority is or was recently in charge and subverted the system to its own interests, against those of the good majority or the people. Thus, systemic change is/was required, often expressed in terms such as “revolution” or “liberation” of the people from their “immiseration” or bondage, even if technically it comes about through elections.	The discourse does not argue for systemic change but, as mentioned above, focuses on particular issues. In the words of Laclau, it is a politics of “differences” rather than “hegemony.”
Because of the moral baseness of the threatening minority, non-democratic means may be openly justified or at least the minority’s continued enjoyment of these will be seen as a generous concession by the people; the speech itself may exaggerate or abuse data to make this point, and the language will show a bellicosity towards the opposition that is incendiary and condescending, lacking the decorum that one shows a worthy opponent. “Não respondi às provocações, mas calaram-me no fundo da alma a mágoa e o desaponto das baixezas em que se arrastaram meus detratores.”	Formal rights and liberties are openly respected, and the opposition is treated with courtesy and as a legitimate political actor. The discourse will not encourage or justify illegal, violent actions. There will be great respect for institutions and the rule of law. If data is abused, it is either an innocent mistake or an embarrassing breach of democratic standards.

Comentários

Este “manifesto à nação” data de apenas 6 dias antes das eleições presidenciais de 1960 e traz um último apelo de Jânio Quadros para garantir votos

O texto visa a destacar que o candidato está de acordo com a “vontade geral” do “homem comum”. Há elementos de populismo, ainda que de forma temperada: a divisão moral entre “povo” e “a elite” é mais uma sugestão do que uma declaração incendiária; embora de forma vaga e moralista, são mencionados problemas políticos e económicos; alguma belicosidade em relação à oposição também é visível. Ademais, contém uma linguagem de proporções cósmicas e uma visão reificada do homem comum. Serve ao objetivo geral de JQ de identificá-lo com o “povo”.

Este discurso está próximo da descrição do grau 1, exceto que não evita completamente uma linguagem belicosa e utiliza referências de proporções cósmicas. Os elementos não populistas também são poucos e raros. Portanto, consideraríamos 1,25 uma nota justa.

Os leitores X e Y discordaram ligeiramente sobre a extensão do grau 1 que diz “evita linguagem belicosa ou referências a proporções cósmicas ou a qualquer inimigo particular”. Após avaliar 1,2 e 1,3 respectivamente, os leitores X e Y concordaram em 1,25 como nota final.

4.2.2 Discurso de posse

Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 1961.

**Discurso do Presidente Jânio Quadros veiculado pela “Voz do Brasil”
Palácio da Alvorada, 31 de janeiro de 1961⁵**

Êlevado à Presidência da República por inequívoca determinação do povo brasileiro, não posso e não quero iniciar o exercício dêste mandato sem o agradecimento a êsse voto de esperança.

Nosso **povo ativo e laborioso**, estão aqui diante de mim, e espiritualmente presente, a testemunhar neste ato o triunfo dos seus anseios cívicos. Estou certo de que as mulheres e os homens com quem me avistei e aos quais me dirigi durante a campanha no Norte e no Nordeste, no Oeste, no Centro, no Leste e no Sul do país, têm suas atenções voltadas para este Distrito Federal, **êlevando suas preces ao Altíssimo**, pelo êxito da administração que se inicia. Que Deus onipotente me ilumine e me resguarde na jornada.

Como afirmei em numerosas viagens e visitas pelo território da pátria, **este será um governo rude e áspero**; tais objetivos não têm sentido de ameaça, antes, exprimem a franqueza de quem não mente aos seus concidadãos, porque não foge ao seu dever nem abdica das suas convicções. **Se não me faltar o arrimo da inspiração divina, se não me faltar o apoio das multidões, se não me faltar o apoio do Legislativo e do Judiciário**, sei de mim que resgatarei a palavra de fé empenhada nas praças. Somos um Estado democrático cujos fins se contêm no governo do povo, pelo povo e para o povo.

O povo estará comigo e comigo governará.

O povo será, a um tempo, a minha bússola e o meu destino. Investido na chefia do Executivo, julgo-me no dever de expor, para ciência de todos, o estado atual da República. É indispensável que se conheçam na extensão e no vulto da sua inteira realidade os problemas cujo deslindamento me compete. É necessário que se saiba o que me entregam e as reais condições do que me entregam. Tenho por imprescindível um severo arrolamento das questões que nos aguardam e que resultam não apenas do estágio de desenvolvimento que atingimos, mas também da carência de uma visão segura, ao mesmo tempo geral e específica, dos reclamos com freqüência contraditórios dessa coletividade.

Ao termino do mandato, aceito que me julguem pelo que restar do cotejo entre o que recebo e o que por minha vez transmitirei.

⁵ Source: https://funag.gov.br/loja/download/677-Discursos_janio_quadros.pdf

Não há ninguém pessoalmente na mira das prevenções que me atribuem, mas também não haverá ninguém, a começar dos mais altos escalões administrativos, que possa situar-se fora das normas de exação, compostura e integridade que caracterizarão os negócios públicos neste quinquênio. **Candidato, não reveidei; presidente, não tenho paixões a comprazer nem adversários a alcançar.**

Derrogarei até o limite extremo das minhas forças a contrafacção do sistema político-administrativo que infelicitou a pátria em alternância de ações irresponsáveis e de emissões em confiança. No combate a essa adulteração, a essa corrupção que infecciona e debilita o regime, não darei quartel. **A vassoura que o povo me confiou nas assembléias, trago-a comigo, para os serviços empreitados.** Usá-la-ei em consonância com o que prometi e com o que me reclamam, mas em **caráter da mais estreita imparcialidade.** A estatística, todavia, demora infensa às frases da retórica e à graça dos ditirambos. Se conclusões inculca, é que estas se acham entranhadas no panorama que cumpre analisar. Será proveitoso, quando nada para os juizes da história, que cada qual tome do ônus comum o quinhão que lhe caiba. **É terrível a situação financeira do Brasil.** Nos últimos 5 anos, o meio circulante passou de 57 bilhões para 206 bilhões de cruzeiros. Faltam-me as cifras da aluvião de papel-moeda relativa ao primeiro mês deste ano. Não me causaria estranheza que a tabela complementar denunciasses fluxo ainda mais incontinenti. Desenhadas em centenas de milhares, ao estrangeiro devemos 3 bilhões e 802 milhões de dólares, o que marca, só a este título e naquêlê período, a êlevação de 1 bilhão e 435 milhões de dólares sôbre o passivo anterior.

(...)

Precisamos saber a quantas andamos, para determinar realisticamente e não ao sabor de róseos devaneios, para onde vamos e como lá chegaremos. **Tão grave quanto a crise econômica e financeira se me afigura a crise moral,** administrativa e político-social em que mergulhamos. Vejo a administração emperrada pela burocracia e manietada por uma legislação obsoleta. Vejo as classes erguerem-se, uma a uma, contra a coletividade, coisas de vantagens particulares, esquecidas de que o patrimônio é de todos. Vejo, por toda a parte, escândalos de toda a natureza. Vejo o favoritismo, o filhotismo, o compadrio sugando a seiva da nação e obstando o caminho aos mais capazes. Na vida pública, mal se divisa a distinção entre o que é sagrado e o que é profano. **Tudo se consente ao poderoso, nada se tolera ao sem fortuna.** A previdência social, para a qual se recortou roupa nova, vem funcionando contra os trabalhadores. Dessas mazelas, várias não são — pobre conforto! — unicamente nossas. Nosso século está marcado pelos movimentos de massa, pelas reivindicações organizadas das categorias profissionais.

O desenvolvimento burocrático, industrial, comercial, técnicocientífico, solidarizando-se entre si, vários grupos unidos por atividades semelhantes, sacudiu sucessivamente os braços da balança social ao peso de novas exigências sempre que um dos grupos se julgava preterido em relação aos outros. Há um século idealizou-se a sociedade perfeita, realizada, calma. Extinguir-se-iam os conflitos. Essa idealização, espancando os sonhos, ora românticos, ora líricos do século XVIII, tinha como premissa a possibilidade de previsões indefinidas do futuro da espécie, como se a história não ensinasse que a vida do homem sôbre a terra é marcada por luta permanente, que sempre se readapta às novas condições, em busca de justiça e liberdade.

Grave, porém, foi a transformação dessa filosofia — inegavelmente magnífica, na sua propositura — em arma político-ideológica a serviço de um novo tipo, o do **imperialismo, que se atirou à conquista da supremacia mundial, impondo a todos a insegurança, o arbítrio, a prepotência, o desconhecimento de quaisquer prerrogativas que não as do pequeno grupo,** estas absolutas. Para os pregadores dêsse

credo, as reivindicações dos grupos de trabalhadores e das categorias profissionais e sociais não se constituem em um fim.

Elas se convertem num simples, frio e egoístico processo tático, que estiola internamente as nações, **em proveito de um só beneficiário**. Este logrou infundir em algumas camadas, incluída a dos intelectuais, uma espécie de mística de autodestruição, de masoquismo cívico, de êxtase das multidões insatisfeitas. **Abalou-se, pois, o conceito de solidariedade nacional**, como se dentro das fronteiras do país pudessem conviver e prosperar, insuflando-se civis a reivindicações contra militares, funcionários contra empregados, cidadãos contra agricultores. Aham-se superados, sem dúvida, os termos do liberalismo ortodoxo. **As leis da democracia devem ajustar-se às novas condições vigentes. A liberdade de organização sindical e o direito de greve interessam ao próprio conceito do regime**. Sua aplicação, contudo, não objetiva a destruição da ordem social. Tenho por inadmissível a sua utilização dolosa contra a nossa coletividade, sobretudo se a serviço de conveniências externas.

Na flâmula do velho socialismo, a legenda de paz entre as nações ocupava lugar de rêlevo. Era legenda da confraternização geral, que simultaneamente condenava os jacobinismos estreitos e os nacionalismos obtusos, geradores de conflitos, por via do mesmo artifício demagógico, atrás recordado. E, como variante dêle, apresenta-se hoje o falso nacionalismo, como a sublime panacéia da época.

No século dos têleguiados, dos satélites artificiais, dos aviões supersônicos, do rádio, da televisão, da ONU, surgem, nos países do Ocidente, operadores políticos nem sempre nascidos nestas terras, intentando despertar e acirrar ódios nos Estados do hemisfério, valendo-se dos enormes tropeços que os respectivos povos defrontam nas veredas do progresso.

Êsses esforços precisam ser desmascarados, enfrentados e batidos, isto se realmente quisermos atingir o duplo objetivo que sôbremaneira nos importa: internamente, **promover a ascensão do elemento humano abandonado**, o que só será viável mediante um senso profundo de solidariedade geral; e, no plano internacional, proporcionar ao Brasil a posição a que faz jus no concerto das nações.

A tarefa é possível mediante uma política soberana, mas soberana no sentido real e amplo diante de todas e quaisquer potências. **Ainda recentemente, das Antilhas conturbadas, chega-me o eco das vozes de esperança com que aquela gente, desassombrada e altiva, aguarda o novo govêrno norte-americano e a inauguração dêsse próprio govêrno, na expectativa de outras diretrizes de cooperação para todo o continente. O grau de dissolução a que chegamos derivou, em parte, da crise de autoridade e de austeridade do poder, comprometido o seu prestígio por um rol consternador de escândalos oficiais, incentivados pela mais arrepiante impunidade.** Apercebidas de que o arcabouço federal comprometia-se com especuladores empenhados no auto-enriquecimento e na auto-concessão de proveitos e regalias, fora impossível que as camadas menos favorecidas da população deixassem, por sua vez, de reivindicar, sempre e incessantemente, proveitos e regalias. **O meu govêrno, entretanto, representa um paradeiro a isso, definitivo e último. Êle traduz o grito de revolta de seis milhões de eleitores, decididos a pôr o ponto final a êsse ciclo de insânias.** Todavia, para que a obra de govêrno tenha êxito, é preciso que aquêles que contribuíram para a vitória dela participem e sustentem. É fundamental e imprescindível que se afirmem a solidariedade e a co-responsabilidade de todos os núcleos sociais.

Isto vale para os que detêm o capital e as alavancas da produção, para os que lidam nas cidades e nos campos, para os civis e para os militares. **Crescemos todos juntos, de mãos dadas**, cada qual suportando as penas necessárias ao êxito comum, ou afundamos todos, sem remissão, afogados no mar da falência global. **Não pedirei ao**

povo que aperte o cinto e sofra calado o enriquecimento abusivo e indecente dos gozadores inescrupulosos.

Os proletários e os humildes devem zelar pelos seus interesses e por êles lutar dentro das regras do sistema democrático. Cumpre-lhes, porém, imbuir-se da disciplina do trabalho. Será nosso empenho **promover o bem-estar das camadas populares, a começar pelas mais deslembadas, quais as do sofrido Nordeste.** Mas o bem-estar nacional resultará de crescimento harmonioso da nossa economia, do seu planejamento, de gestão governamental proba e eficiente, em que todos tenham o seu quinhão, como recompensa da sua firmeza e da sua labuta.

Não se arrede da nossa mente que, quando um grupo social recebe vantagens além dos limites de equidade, é todo o restante da população que suporta o fardo dessa exorbitância. Atento a êsse critério é que se pode decidir da procedência ou improcedência das reivindicações. Precisamos encarar o problema social com olhos que enxerguem, liquidando o engano segundo o qual os cidadãos podem pleitear do Estado, como se este fosse arca sem fundo, na qual a todos é permitido meter as mãos, sem que os tesouros jamais se esgotem.

O Estado somos todos nós. O Estado é, apenas, o construtor e o supervisor da fortuna coletiva. A nossa renda nacional resulta, e só, daquilo que produzimos, consumimos e exportamos. Somente dessa renda podemos participar, somente ela é suscetível de partilha. Se, como cardume de piranhas, precipitarmo-nos sôbre ela, cada qual abocanhando o quinhão do seu apetite, nada sobrar para os investimentos indispensáveis ao progresso e, dentro de pouco tempo, seríamos compelidos a implorar à caridade internacional. Nos países cujas instituições foram derrubadas em consequência do êxito de guerras fratricidas, o que vemos não é a instauração do reino dos céus.

Ao contrário, daí por diante, ficaram proibidas todas as reivindicações, abolida toda a liberdade, suprimida a crítica. Em lugar de mil patrões a disputar o artífice no mercado da concorrência, um só patrão, prepotente e autoritário, dita salários, as horas de serviço e as cotas de produção. Em lugar da distribuição da terra, a sua estatização.

Em face do grande império centrai, que tudo vê e tudo prevê, nenhuma pequena nação, mesmo afim ou irmã, mantém a licença de falar em nacionalismo. Conservemos, pois, as nossas liberdades, fortalecendo-as e ampliandoas. Vivamos como seres livres, construindo o poderoso Brasil. Tê-la-emos, afinal.

Dísparos são os destinos, as ambições, as paixões dos homens. A **democracia é um regime suficientemente dinâmico para permitir que êsse embate de interesses e de situações se procêsse sem dano maior à paz pública.** É um coro de harmonias às vezes desencontradas, mas regidas pelo compasso do bem comum.

Ela tem sabido. ajustar-se e vicejar, fortalecendo se, mais e mais, mediante a ação do Estado no campo da iniciativa particular, orientando, empreendendo, complementando, atenta às novas exigências demográficas e sócio econômicas. **O nosso propósito deve ser multiplicar os órgãos da mecânica democrática, fazendo que surjam, ao lado dos tradicionais, outros, mais próximos das massas,** que deem a estas a representação a que fazem jus, com participação efetiva nas responsabilidades governamentais.

Pessimismo?

Não!

Não se extraia desta mensagem uma conclusão pessimista quanto ao **porvir de nossa pátria.** Nem teria sentido que, ao final de árdua campanha, em que apaixonadamente pedi os vossos votos, viesse dizer-vos que a tarefa para a qual fui eleito é inesquecível. Creio firmemente, profundamente, no **invencível destino do Brasil.**

Esta é a terra de Canaã, ilimitada e fecunda. Nenhum obstáculo natural trava, aqui, o caminho do progresso, e eu me sinto orgulhoso de ser o seu dirigente. Este é um país de solo fértil e de subsolo inesgotável.

Ademais, já superamos o instante em que essas riquezas eram cantadas e permaneciam estéreis. Nossa agricultura expande-se, nossas indústrias multiplicam-se. Prosperamos, não por via de sortilégios, mas pelo mérito de todos os que tivemos a felicidade de habitar nesta nação. **Somos um povo tenaz e tranquilo, impermeável a preconceitos de raça, de cor, de credo, que realizou o milagre de sua unidade cimentada nos séculos e que começa a erigir uma civilização sem rival** nestes paralelos.

Não medraram entre nós as sementes divisionistas.

Não temos pela frente óbices irremovíveis, Em face dos dramas que traumatizam tantos povos, os nossos problemas apresentam-se simples e fáceis. Podem ser assim resumidos: uma **administração criteriosa e honesta; um planejamento realista e firme; um sistema de relações corajoso e franco entre governantes e governados**. Como disse o filósofo:

“O que faz que os homens formem um povo é a lembrança das grandes coisas que realizaram juntos e a vontade de levar a efeito novas e grandes coisas”.

Um país, entretanto, não é uma abstração. Incabível, pois, que, em nome dos habitantes de amanhã, se submeta os de hoje ao despojamento de seus bens essenciais. Por igual, não nos assiste o direito de comprometer o conforto e a segurança das gerações futuras, dilapidando o patrimônio nacional. **Sob o meu govêrno, não haverá lugar para tais práticas**. Atravessamos horas das mais conturbadas que a humanidade já conheceu.

O colonialismo agoniza, envergonhado de si mesmo, incapaz de solver os dramas e as contradições que engendrou. Ao Brasil cabe estender as mãos a êsse mundo jovem, compreendendolhe os excessos ou desvios ocasionais, que decorrem da secular contenção de aspirações enobrecedoras. Compreender significa auxiliar no que for possível e no que for preciso.

Fiel à sua origem, às suas tradições, às suas tendências, à sua geografia, a nação não esquece, antes solenemente ratifica, todos os seus compromissos legais e genuínos. Abrimos nossos braços a todos os países do continente. Abrimo-los, também, às velhas coletividades européias e asiáticas, **sem prevenções político filosóficas. Os nossos portos agasalharão todos os que conosco queiram comerciar. Somos uma comunhão sem rancores ou temores**. Temos plena consciência da nossa pujança para que nos arreceemos de tratar com quem quer que seja. Recebi, ainda agora, os cumprimentos do corpo diplomático. Desejo que cada um dos embaixadores acreditados em Brasília transmita a seus govêrnos e aos seus povos os votos de paz e prosperidade do povo e do govêrno do Brasil. **Com a indispensável cooperação do Legislativo e do Judiciário**, não há cuidados que não dispense, nem há dores que não aceite para exercer, com exaço e dignidade, a magistratura de que fui investido. Aos homens e às mulheres que me ouvem e que em mim confiam, outra vez, os meus agradecimentos. Que Deus onipotente me ajude, e nos ajude. Meus compatriotas: viva o Brasil!”

Populist	Pluralist
It conveys a Manichaeon vision of the world, that is, one that is moral (every issue has a strong moral dimension) and dualistic (everything is in one category or the other, “right” or “wrong,” “good” or “evil”) The implication—or even the stated idea—is that	The discourse does not frame issues in moral terms or paint them in black-and-white. Instead, there is a strong tendency to focus on narrow, particular issues. The discourse will emphasize or at least not eliminate

there can be nothing in between, no fence-sitting, no shades of grey. This leads to the use of highly charged, even bellicose language. “somos um povo tenaz e tranquilo, impermeável a preconceitos de ração, de cor, de credo, que realizou o milagre de sua unidade cimentada nos séculos e que começa a erigir uma civilização sem rival” “não pedirei ao povo que aperte o cinto e sofra calado o enriquecimento abusivo e indecente dos gozadores inescrupulosos” “Tão grave quanto a crise econômica e financeira se me afigura a crise moral, Não se arrede da nossa mente que, quando um grupo social recebe vantagens além dos limites de equidade, é todo o restante da população que suporta o fardo dessa exorbitância”	the possibility of natural, justifiable differences of opinion.
The moral significance of the items mentioned in the speech is heightened by ascribing cosmic proportions to them, that is, by claiming that they affect people everywhere (possibly but not necessarily across the world) and across time. Especially in this last regard, frequent references may be made to a reified notion of “history.” At the same time, the speaker will justify the moral significance of his or her ideas by tying them to national and religious leaders that are generally revered. “elevando suas preces ao Altíssimo” “Se não me faltar o arrimo da inspiração divina”	The discourse will probably not refer to any reified notion of history or use any cosmic proportions. References to the spatial and temporal consequences of issues will be limited to the material reality rather than any mystical connections.
Although Manichaeism, the discourse is still democratic, in the sense that the good is embodied in the will of the majority, which is seen as a unified whole, perhaps but not necessarily expressed in references to the “voluntad del pueblo”; however, the speaker ascribes a kind of unchanging essentialism to that will, rather than letting it be whatever 50 percent of the people want at any particular moment. Thus, this good majority is romanticized, with some notion of the common man (urban or rural) seen as the embodiment of the national ideal. “O povo estará comigo e comigo governará.”	Democracy is simply the calculation of votes. This should be respected and is seen as the foundation of legitimate government, but it is not meant to be an exercise in arriving at a preexisting, knowable “will.” The majority shifts and changes across issues. The common man is not romanticized, and the notion of citizenship is broad and legalistic.
The evil is embodied in a minority whose specific identity will vary according to context. Domestically, in Latin America it is often an economic elite, perhaps the “oligarchy,” but it may also be a racial elite; internationally, it may be the United States or the capitalist,	The discourse avoids a conspiratorial tone and does not single out any evil ruling minority. It avoids labeling opponents as evil and may not even mention them in an effort to maintain a positive tone

industrialized nations or international financiers or simply an ideology such as neoliberalism and capitalism. “Tudo se consente ao poderoso, nada se tolera ao sem fortuna” “...imperialismo, que se atirou à conquista da supremacia mundial, impondo a todos a insegurança, o arbítrio, a prepotência, o desconhecimento de quaisquer prerrogativas que não as do pequeno grupo,” “...em proveito de um só beneficiário”	and keep passions low.
Crucially, the evil minority is or was recently in charge and subverted the system to its own interests, against those of the good majority or the people. Thus, systemic change is/was required, often expressed in terms such as “revolution” or “liberation” of the people from their “immiseration” or bondage, even if technically it comes about through elections. “Ainda recentemente, das Antilhas conturbadas, chega-me o eco das vozes de esperança com que aquela gente, desassombrada e ativa, aguarda o novo governo norte-americano e a inauguração dêsse próprio governo, na expectativa de outras diretrizes de cooperação para todo o continente.” “O grau de dissolução a que chegamos derivou, em parte, da crise de autoridade e de austeridade do poder, comprometido o seu prestígio por um rol consternador de escândalos oficiais, incentivados pela mais arrepiante impunidade.” “O meu governo, entretanto, representa um paradeiro a isso, definitivo e último. Ele traduz o grito de revolta de seis milhões de eleitores, decididos a pôr o ponto final a êsse ciclo de insânias.” “O nosso propósito deve ser multiplicar os órgãos da mecânica democrática, fazendo que surjam, ao lado dos tradicionais, outros, mais próximos das massas, que deem a estas a representação a que fazem jus, com participação efetiva nas responsabilidades governamentais”	The discourse does not argue for systemic change but, as mentioned above, focuses on particular issues. In the words of Laclau, it is a politics of “differences” rather than “hegemony.” “As leis da democracia devem ajustar-se às novas condições vigentes. A liberdade de organização sindical e o direito de greve interessam ao próprio conceito do regime.”
Because of the moral baseness of the threatening minority, non-democratic means may be openly justified or at least the minority’s continued enjoyment of these will be seen as a generous concession by the people; the speech itself may exaggerate or abuse data to make this point, and the language will show a bellicosity towards the opposition that is incendiary and	Formal rights and liberties are openly respected, and the opposition is treated with courtesy and as a legitimate political actor. The discourse will not encourage or justify illegal, violent actions. There will be great respect for institutions and the rule of law. If data is abused,

condescending, lacking the decorum that one shows a worthy opponent. “este será um govêrno rude e áspero” menções ao uso da “vassoura” contra oponentes	it is either an innocent mistake or an embarrassing breach of democratic standards. “Os nossos portos agasalharão todos os que conosco queiram comerciar. Somos uma comunhão sem rancores ou temores”
---	--

Comentários

O discurso de posse de Jânio Quadros foi curto e formal. Já o discurso no programa de rádio Voz no Brasil, feito na noite da inauguração, para um amplo público, pode ser considerado seu verdadeiro discurso de posse, pois antecede valores que seriam incorporados e métodos que seriam efetivamente utilizados pelo governo. O discurso acima, originalmente com 3.776 palavras, foi editado, excluindo páginas em que o presidente eleito discorre sobre a situação econômica do Brasil.

O discurso tem marcadas redundâncias que demonstram o populismo de Jânio Quadros. Existe uma oposição maniqueísta, de natureza moral, entre povo homogêneo e a elite, expressa repetidamente. Há também espaço para uma linguagem de proporções cósmicas, para a denúncia de um “imperialismo” reificado, para a belicosidade contra os adversários, para a responsabilização do governo anterior pela crise econômica e moral. Um tom de conspiração apocalíptica permeia o texto. O que resta do pluralismo não é muito mais do que a defesa do direito à greve e à organização sindical; e a referência a uma política externa independente, que inclui um panegírico a Cuba, potencialmente conflitivo com segmentos internos conservadores.

Por esses motivos, atribuímos nota 2 ao discurso transmitido pela Voz do Brasil. É um discurso extremamente populista e muito próximo da letra do conceito de populismo. Expressa todos os elementos de um discurso populista e possui raros elementos que não seriam considerados populistas.

4.2.3 Discurso internacional

Mensagem ao Congresso Nacional remetida pelo Presidente da República na Abertura da Sessão Legislativa de 1961⁶

1 - DIRETRIZES GERAIS

A política externa de um país democrático, como é o Brasil, não pode ser senão a projeção,

⁶ Source: https://funag.gov.br/loja/download/677-Discursos_janio_quadros.pdf

no mundo, do que ele é intrinsecamente. Democracia política, democracia racial, cultura baseada fundamentalmente na ausência de preconceitos e na tolerância, País disposto a empenhar-se integralmente em vencer a pobreza e o subdesenvolvimento econômico, genericamente renovador, sem ser rebelde, livre de compromissos externos anacrônicos ou oportunistas, e já tendo alcançado uma significação, nas relações internacionais, que lhe dá considerável possibilidade de ação e conseqüente responsabilidade - o Brasil deve ter uma política externa que, refletindo sua personalidade, suas condições e seus interesses, seja a mais propícia às aspirações gerais da humanidade, ao desenvolvimento econômico, à paz e segurança, ao respeito pelo homem porque homem, à justiça social, à igualdade das raças, à autodeterminação dos povos e sua mútua tolerância e cooperação. Nascido o Brasil de uma corrente histórica profundamente cristã, tendo evoluído em torno de ideais democráticos que vão, agora, cada vez mais profundamente, marcando sua maneira de ser, somos membros natos do mundo livre e jamais perdemos consciência dessa circunstância. Pelo contrário. Mais claramente do que nunca vemos hoje a responsabilidade que nos cabe, o que de essencial há a defender e a situação favorável em que se encontra o Brasil para exercer sua ação, pelo exemplo e pela honestidade de propósitos. Essa noção mais clara de nossas possibilidades e responsabilidades levou o Governo a assumir uma posição internacional mais afirmativa e independente, sem desconhecer compromissos assumidos. A posição ideológica do Brasil é ocidental e não variará. o reconhecimento dessa verdade, porém, não exaure o conteúdo de nossa política exterior. O Brasil só pode ver sua causa ideológica condicionada por seu caráter nacional e seus interesses legítimos. O grande interesse brasileiro nesta fase histórica é o de vencer a pobreza, o de realizar efetivamente seu desenvolvimento. O desenvolvimento e a justiça social são da essência mesma dos ideais democráticos. O interesse no desenvolvimento econômico é comum à maior parte da humanidade. Já se tem falado num conflito entre o norte e o sul deste globo, porções que se distanciam progressivamente em nível de vida, a primeira enriquecendo-se e a segunda empobrecendo-se. Essa diferenciação do mundo em duas partes, que se justapõe ao conflito ideológico leste-oeste, é essencialmente de ordem econômica e, ao contrário daquele, não encontra grandes entraves para ser anulada. Tal anulação é um imperativo de sobrevivência de uma sociedade internacional, em que as nações tenham o direito de escolher o seu destino. Acreditamos nada se possa fazer de mais eficaz, para a neutralização do conflito ideológico, do que a eliminação, progressiva e rápida, dessa diferenciação norte-sul: nenhum outro objetivo, pois, merece maior empenho do mundo ocidental. Concentrando energias no seu desenvolvimento econômico e decidido a conservar-se democrático, tem o Brasil o dever de contribuir para reforçar a paz e reduzir tensões internacionais. O problema da paz não é responsabilidade de poucos e, sim, de todos. A do Brasil não é das menores e não será esquivada. Temos uma contribuição a dar, pelo que somos e pelo que queremos. Temos a convicção de que o estabelecimento de contatos proveitosos entre os países de ideologias divergentes é possível e se impõe ao Brasil, quer por seus interesses comerciais, quer como colaboração necessária à redução das tensões internacionais e ao progressivo afiançamento da paz. O conflito leste-oeste tende a restringir-se, cada vez mais, ao campo das atitudes ideológicas. Temos confiança nas nossas, não desejamos mal aos povos que as têm diferentes. Não existem, a nosso ver, quaisquer que sejam. As expectativas subjetivas de cada facção, conflitos ou antagonismos de índole doutrinária, ou social, que sejam incompatíveis com a política de convivência sincera, de coexistência leal.

2- NAÇÕES UNIDAS

Além da reativação das relações bilaterais com os países socialistas, em bases de respeito mútuo e visando ao incremento do comércio, o Brasil considera essencial à diminuição

da tensão mundial uma política de fortalecimento das Nações Unidas. (..) **A sinceridade é da essência de uma ordem pacífica no mundo, e o respeito pela opinião alheia. (...)**

3 - PAÍSES SOCIALISTAS

O Brasil não pode ignorar, sem limitar-se injustamente, a realidade, a vitalidade e o dinamismo dos Estados socialistas. Foram, por isso, **tomadas providências para o estabelecimento das relações diplomáticas com a Hungria, a Romênia e a Bulgária e prosseguem os estudos para normalizar nossas relações com todos os países. (...)** Nesta área, como em todas as demais, **as medidas para ampliação de nossos mercados** no exterior são da maior relevância; todas as possibilidades serão exploradas objetivamente, sem admitir sejam elas desvirtuadas para fins ilegítimos.

4 - EUROPA

(...)

5 - MUNDO AFRO-ASIÁTICO

Não menos importantes, hoje em dia, do que os laços tradicionais que nos ligam à Europa, são os interesses, aspirações e pontos de contato entre o Brasil e os povos da África e da Ásia. Com todos eles, praticamente, estamos irmanados na luta pelo desenvolvimento econômico, pela defesa dos produtos de base, pela industrialização, pela incorporação à vida nacional de todas as camadas da população. Da mesma aspiração de paz mundial participamos e com o mesmo fervor e a mesma disposição de agir nos conselhos mundiais pela redução das tensões. **Somos um povo de todas as raças, em que a cor, a religião, a filiação política são irrelevantes, e o indivíduo vale pelo que é. Não aceitamos qualquer forma ou modalidade de colonialismo ou imperialismo. Pode-se afirmar, com a sinceridade mais absoluta, que o Brasil se esforçará para que todos os povos coloniais. repetimos, todos, sem exceção, atinjam sua independência,** no mais breve prazo possível, e nas condições que melhor facilitem sua estabilidade e progresso. O princípio de autodeterminação, em suas aplicações, necessariamente envolve problemas específicos em cada situação. Não é possível confundir a pretensão de um povo à independência com a pretensão de um Estado a obter território alheio por motivos apenas de proximidade geográfica/ (...) O nosso esforço em África, por mais intenso que venha a ser, não poderá senão constituir uma modesta retribuição, um pequeno pagamento da imensa dívida que o Brasil tem para com o povo africano. Essa razão, de ordem moral, justificaria por si só a importância que este Governo empresta à sua política de aproximação com a África. Mas há mais queremos ajudar a criar, no Hemisfério Sul, um clima de perfeito entendimento e compreensão em todos os planos político e cultural, uma verdadeira identidade espiritual. Se bem que em fases diversas de desenvolvimento, os problemas que nos confrontam, de um e de outro lado do Atlântico, são semelhantes, possibilitando, destarte, o aproveitamento das soluções encontradas. **Uma África próspera, estável, é condição essencial para a segurança e desenvolvimento do Brasil. O Governo está estudando a criação de novas missões diplomáticas permanentes em países africanos, que simbolizem desde já o respeito em que os temos e a relevância que lhes atribuímos. (...)**

6 - POLÍTICA CONTINENTAL

(...) termos muito gerais, as observações que cabe fazer sobre a política exterior que o Governo se propõe adotar, e que **podem ser resumidas nos seguintes pontos: 1) Respeito aos compromissos e à posição tradicional do Brasil no mundo livre; 2) Ampliação dos contatos com todos os países, inclusive os do mundo socialista; 3) Contribuição constante e objetiva à redução das tensões internacionais, quer no plano regional, quer no mundial;**

4) Expansão do comércio externo brasileiro; 5) Apoio decidido ao anticolonialismo; 6) Incremento das relações com a Europa, em todos os planos; 7) Luta contra o subdesenvolvimento econômico; 8) Reconhecimento e atribuição da devida importância aos interesses e aspirações comuns ao Brasil e às Nações da África e da Ásia; 9) Estabelecimento e estreitamento de relações com os Estados africanos; 10) Fidelidade ao sistema interamericano; 11) Continuidade e intensificação da Operação Pan-Americana; 12) Apoio constante ao programa de Associação do Livre Comércio Latino-Americano; 13) A mais íntima e completa cooperação com as Repúblicas irmãs da América Latina, em todos os planos; 14) Relações de sincera colaboração com os Estados Unidos, em defesa do progresso democrático e social das Américas; 15) Apoio decidido e ativo à Organização das Nações Unidas para que ela se constitua na garantia efetiva e incontestável da paz internacional e da justiça econômica

País: Brasil

Nome do palestrante: Jânio Quadros

Data do discurso: fevereiro de 1961

Tipo de discurso: Internacional

Local de fala: Congresso

Graduador: X e Y

Data da avaliação: 7-9 de setembro de 2023

Rubrica final: 0

0- Discurso com poucos ou nenhum traço de populismo.

Populist	Pluralist
It conveys a Manichaeon vision of the world, that is, one that is moral (every issue has a strong moral dimension) and dualistic (everything is in one category or the other, “right” or “wrong,” “good” or “evil”) The implication—or even the stated idea—is that there can be nothing in between, no fence-sitting, no shades of grey. This leads to the use of highly charged, even bellicose language.	The discourse does not frame issues in moral terms or paint them in black-and-white. Instead, there is a strong tendency to focus on narrow, particular issues . The discourse will emphasize or at least not eliminate the possibility of natural, justifiable differences of opinion. Pragmatismo, substituição da divisão Leste-Oeste pela Norte-Sul, foco em abertura de novos mercados, incluindo em países socialistas: “O “grande interesse brasileiro nesta fase histórica é o de vencer a pobreza”
The moral significance of the items mentioned in the speech is heightened by ascribing cosmic proportions to them, that is, by claiming that they affect people everywhere (possibly but not necessarily across the world) and across time.	The discourse will probably not refer to any reified notion of history or use any cosmic proportions. References to the spatial and temporal consequences of issues will be

Especially in this last regard, frequent references may be made to a reified notion of “history.” At the same time, the speaker will justify the moral significance of his or her ideas by tying them to national and religious leaders that are generally revered.	limited to the material reality rather than any mystical connections. Referências aos continents são limitadas à realidade material. Questões como autodeterminação dos povos, colonialismo, Guerra Fria, não são tratadas em tom grandioso ou místico.
Although Manichaeism, the discourse is still democratic, in the sense that the good is embodied in the will of the majority, which is seen as a unified whole, perhaps but not necessarily expressed in references to the “voluntad del pueblo”; however, the speaker ascribes a kind of unchanging essentialism to that will, rather than letting it be whatever 50 percent of the people want at any particular moment. Thus, this good majority is romanticized, with some notion of the common man (urban or rural) seen as the embodiment of the national ideal. “A política externa de um país democrático, como é o Brasil, não pode ser senão a projeção, no mundo, do que ele é intrinsecamente. Democracia política, democracia racial, cultura baseada fundamentalmente na ausência de preconceitos e na tolerância, País disposto a empenhar-se integralmente em vencer a pobreza e o subdesenvolvimento econômico” “Somos um povo de todas as raças, em que a cor, a religião, a filiação política são irrelevantes, e o indivíduo vale pelo que é. Não aceitamos qualquer forma ou modalidade de colonialismo ou imperialismo. Pode-se afirmar, com a sinceridade mais absoluta, que o Brasil se esforçará para que todos os povos coloniais. repetimos, todos, sem exceção, atinjam sua independência”	Democracy is simply the calculation of votes. This should be respected and is seen as the foundation of legitimate government, but it is not meant to be an exercise in arriving at a preexisting, knowable “will.” The majority shifts and changes across issues. The common man is not romanticized, and the notion of citizenship is broad and legalistic.
The evil is embodied in a minority whose specific identity will vary according to context. Domestically, in Latin America it is often an economic elite, perhaps the “oligarchy,” but it may also be a racial elite; internationally, it may be the United States or the capitalist, industrialized nations or international financiers or simply an ideology such as neoliberalism and capitalism.	The discourse avoids a conspiratorial tone and does not single out any evil ruling minority. It avoids labeling opponents as evil and may not even mention them in an effort to maintain a positive tone and keep passions low. O interesse no desenvolvimento econômico é comum à maior parte da humanidade. Já se tem falado num conflito entre o norte e o sul deste globo, porções que se

	distanciam progressivamente em nível de vida, a primeira enriquecendo-se e a segunda empobrecendo-se. Essa diferenciação do mundo em duas partes, que se justapõe ao conflito ideológico leste-oeste, é essencialmente de ordem econômica e, ao contrário daquele, não encontra grandes entraves para ser anulada.
Crucially, the evil minority is or was recently in charge and subverted the system to its own interests, against those of the good majority or the people. Thus, systemic change is/was required, often expressed in terms such as “revolution” or “liberation” of the people from their “immiseration” or bondage, even if technically it comes about through elections.	The discourse does not argue for systemic change but, as mentioned above, focuses on particular issues. In the words of Laclau, it is a politics of “differences” rather than “hegemony.” O texto insiste não em mudanças sistêmicas (como capitalismo vs comunismo, ocidente vs oriente), mas nas particulares necessidades do Sul global: descolonização, desenvolvimento, autodeterminação e luta contra a pobreza
Because of the moral baseness of the threatening minority, non-democratic means may be openly justified or at least the minority’s continued enjoyment of these will be seen as a generous concession by the people; the speech itself may exaggerate or abuse data to make this point, and the language will show a bellicosity towards the opposition that is incendiary and condescending, lacking the decorum that one shows a worthy opponent.	Formal rights and liberties are openly respected, and the opposition is treated with courtesy and as a legitimate political actor. The discourse will not encourage or justify illegal, violent actions. There will be great respect for institutions and the rule of law. If data is abused, it is either an innocent mistake or an embarrassing breach of democratic standards. Defesa do multilateralismo e “diálogo sincero” “estabelecimento de contatos proveitosos entre os países de ideologias divergentes é possível”

Comentários

Pronunciado na abertura da sessão legislativa (provavelmente em fevereiro de 1961), este discurso estabeleceu oficialmente o quadro da política internacional do presidente eleito. A versão acima apresenta edições do discurso original de 3.100 palavras. A parte descartada refere-se a minúncias da situação econômica do país.

O texto apresenta notáveis marcas pluralistas, com menção a problemas particulares de vários continentes, à necessidade de pragmatismo na política externa, incentivo ao diálogo e tolerância entre os povos, defesa do multilateralismo, entre outros.

Este discurso representa um forte contraste com os demais de JQ, dirigidos principalmente ao Congresso ou à sociedade. Diferentemente destes, na política externa seus discursos eram geralmente pluralistas. Ao contrastar os seus discursos sobre assuntos externos e internos, parecemos confirmar a noção historiográfica amplamente difundida de que houve uma bifurcação no seu governo entre uma política interna (especialmente na condução econômica) mais linha-dura e a política externa progressista (Skidmore 1992, dentre outros).

No discurso há vestígios de uma visão romantizada e reificada do povo brasileiro, que seria “homogêneo” e “imune a preconceitos” e fundamento da própria política externa. Por causa disso, o leitor X optou inicialmente por uma graduação 0,2.

No entanto, o leitor Y salientou que as referências a uma nação algo reificada são comuns em discursos sobre política externa, especialmente na década de 1960, e não implicam necessariamente em populismo. Embora este discurso mencione ideias problemáticas como a “democracia racial”, o tom geral do texto é mobilizar a identidade brasileira para expressar uma visão pluralista e inclusiva da ordem internacional. Considerando estes argumentos, o Leitor X convenceu-se de que uma nota 0,0 era mais adequada e alterou a sua nota inicial.

4.2.4 Discurso famoso

Carta renúncia de Jânio Quadros⁷

25 de agosto de 1961

"Fui vencido pela reação e assim deixo o governo. Nestes sete meses cumpri o meu dever. Tenho-o cumprido dia e noite, trabalhando infatigavelmente, sem prevenções, nem rancores. Mas baldaram-se os meus esforços para conduzir esta nação, que pelo caminho de sua verdadeira libertação política e econômica, a única que possibilitaria o progresso efetivo e a justiça social, a que tem direito o seu generoso povo.

"Desejei um Brasil para os brasileiros, afrontando, nesse sonho, a corrupção, a mentira e a covardia que subordinam os interesses gerais aos apetites e às ambições de grupos ou de indivíduos, inclusive do exterior. Sinto-me, porém, esmagado. Forças terríveis levantam-se contra mim e me intrigam ou infamam, até com a desculpa de colaboração.

"Se permanecesse, não manteria a confiança e a tranquilidade, ora quebradas,

⁷ Source: https://funag.gov.br/loja/download/677-Discursos_janio_quadros.pdf

indispensáveis ao exercício da minha autoridade. Creio mesmo que não manteria a própria paz pública.

"Encerro, assim, com o pensamento voltado para a nossa gente, para os estudantes, para os operários, para a grande família do Brasil, esta página da minha vida e da vida nacional. A mim não falta a coragem da renúncia.

"Saio com um agradecimento e um apelo. O agradecimento é aos companheiros que comigo lutaram e me sustentaram dentro e fora do governo e, de forma especial, às Forças Armadas, cuja conduta exemplar, em todos os instantes, proclamo nesta oportunidade. O apelo é no sentido da ordem, do conagraamento, do respeito e da estima de cada um dos meus patrícios, para todos e de todos para cada um.

"Somente assim seremos dignos deste país e do mundo. Somente assim seremos dignos de nossa herança e da nossa predestinação cristã. Retorno agora ao meu trabalho de advogado e professor. Trabalharemos todos. Há muitas formas de servir nossa pátria."

Brasília, 25 de agosto de 1961.

Jânio Quadros"

País: Brasil

Nome do palestrante: Jânio Quadros

Data do discurso: 25 de agosto de 1961

Tipo de discurso: Famoso

Local de fala: Público

Graduador: X e Y

Data da avaliação: 7-9 de setembro de 2023

Nota Final: 2

2- Discurso extremamente populista e muito próximo da letra do conceito de populismo. Em especial, expressa todos ou quase todos os elementos de um discurso populista e tem poucos elementos que não seria considerados populistas.

Populist	Pluralist
It conveys a <i>Manichaeian vision of the world, that is, one that is moral (every issue has a strong moral dimension) and dualistic (everything is in one category or the other; "right" or "wrong," "good" or "evil")</i> The implication—or even the stated idea—is that there can be nothing in between, no fence-sitting, no shades of grey. This leads to the use of <i>highly charged, even bellicose language</i>. "Desejei um Brasil para os brasileiros, afrontando, nesse sonho, a corrupção, a mentira e a covardia que subordinam os interesses gerais aos apetites e às ambições de grupos ou de indivíduos, inclusive do exterior. Sinto-me, porém, esmagado. Forças terríveis levantam-se	The discourse does not frame issues in moral terms or paint them in black-and-white. Instead, there is a strong tendency to focus on narrow, particular issues. The discourse will emphasize or at least not eliminate the possibility of natural, justifiable differences of opinion.

contra mim e me intrigam ou infamam”	
<i>The moral significance of the items mentioned in the speech is heightened by ascribing cosmic proportions to them, that is, by claiming that they affect people everywhere (possibly but not necessarily across the world) and across time. Especially in this last regard, frequent references may be made to a reified notion of “history.” At the same time, the speaker will justify the moral significance of his or her ideas by tying them to national and religious leaders that are generally revered.</i> “Somente assim seremos dignos deste país e do mundo. Somente assim seremos dignos de nossa herança e da nossa predestinação cristã.”	The discourse will probably not refer to any reified notion of history or use any cosmic proportions. References to the spatial and temporal consequences of issues will be limited to the material reality rather than any mystical connections.
Although Manichaean, the discourse is still democratic, in the sense that the good is embodied in the will of the majority, which is seen as a unified whole, perhaps but not necessarily expressed in references to the “voluntad del pueblo”; however, the speaker ascribes a <i>kind of unchanging essentialism to that will</i>, rather than letting it be whatever 50 percent of the people want at any particular moment. Thus, this good majority is romanticized, with some notion of the common man (urban or rural) seen as the embodiment of the national ideal. “a nossa gente, para os estudantes, para os operários, para a grande família do Brasil”	Democracy is simply the calculation of votes. This should be respected and is seen as the foundation of legitimate government, but it is not meant to be an exercise in arriving at a preexisting, knowable “will.” The majority shifts and changes across issues. The common man is not romanticized, and the notion of citizenship is broad and legalistic.
The evil is <i>embodied in a minority</i> whose specific identity will vary according to context. Domestically, in Latin America it is often an economic elite, perhaps the “oligarchy,” but it may also be a racial elite; internationally, it may be the United States or the capitalist, industrialized nations or international financiers or simply an ideology such as neoliberalism and capitalism. “grupos ou de indivíduos, inclusive do exterior”	The discourse avoids a conspiratorial tone and does not single out any evil ruling minority. It avoids labeling opponents as evil and may not even mention them in an effort to maintain a positive tone and keep passions low.
Crucially, the evil minority is or was recently in charge and subverted the system to its own interests, against those of the good majority or the people. Thus, systemic change is/was required, often expressed in terms such as “revolution” or “liberation” of the people from their “immiseration” or bondage, even if technically it comes about through elections.	The discourse does not argue for systemic change but, as mentioned above, focuses on particular issues. In the words of Laclau, it is a politics of “differences” rather than “hegemony.”
Because of the moral baseness of the threatening minority, non-democratic means	Formal rights and liberties are openly respected, and the opposition

may be openly justified or at least the minority's continued enjoyment of these will be seen as a generous concession by the people; the speech itself may exaggerate or abuse data to make this point, and the language will show a <i>bellicosity towards the opposition that is incendiary and condescending, lacking the decorum that one shows a worthy opponent.</i> “Forças terríveis”	is treated with courtesy and as a legitimate political actor. The discourse will not encourage or justify illegal, violent actions. There will be great respect for institutions and the rule of law. If data is abused, it is either an innocent mistake or an embarrassing breach of democratic standards.
---	--

Comentários

Embora curta, a carta de renúncia de JQ é um dos discursos mais famosos da história brasileira, concorrendo apenas com a nota de suicídio de Getúlio Vargas de 1954. Enquanto Getúlio menciona “forças ocultas”, JQ menciona, “forças terríveis”, em alusão, com toda probabilidade, ao discurso até então mais famoso da história do Brasil. A renúncia teve consequências profundas e quase mergulhou o país numa guerra civil. Uma análise deste documento é obrigatória para avaliar o grau do populismo de JQ. Apesar de reduzida extensão, apresenta vários traços de populismo, como mostra o quadro acima.

Particularmente, o tom e a qualidade do argumento geral correspondem ao conceito de populismo ideacional. Transmite uma visão maniqueísta do mundo, uma noção reificada de povo (“nossa gente”) moralmente oposta a uma pequena elite conspiratória e maléfica (“forças terríveis” de “grupos ou indivíduos”, “inclusive do exterior”). Além disso, elementos do discurso pluralista são praticamente ausentes. Assim, a única nota final possível parece ser 2.

Chama atenção, ainda, a forma escolhida por JQ. Poderia ter sido um pronunciamento nas cadeias de televisão ou de rádio, dada a relevância extraordinária do tema. Mas a carta de renúncia de JQ, embora dirigida ao Congresso Nacional, foi mais um “bilhetinho” enviado a um de seus ministros, no caso o da Justiça, Oscar Pedroso Horta. Em seguida, JQ partiu de Brasília para São Paulo. Tanto o conteúdo quanto a forma foram populistas; assim como provavelmente tenha constituído estratégia de criar uma crise. Veremos nos capítulos a seguir como esses elementos se entrecruzam.

5. O populismo como estilo

O termo “estilo político” e mesmo “populismo como estilo” foi usado na literatura das Ciências Sociais (Canovan 1999; de la Torre 2010; Knight 1998; Taguieff 1995, apud Moffitt 2016). Em especial, Moffitt (2016) teve o mérito de tornar o termo menos escorregadio, conferindo-lhe substância, estrutura analítica e modelo de análise.

Premissa do populismo como estilo é a de que características tidas geralmente como “superficiais” podem conferir conteúdo analítico ao conceito de populismo, ao reconhecer a importância das dimensões comunicativas e estéticas da atuação política. Conforme Lasswell (1949, 38, apud Moffitt 2016) “style is not to be dismissed as ornamentation”. Da mesma maneira, seria equivocada a oposição dualista entre “forma” e “conteúdo” em política. Forma e conteúdo estão em permanente interação: a forma (ou estilo) do líder populista se confunde com o próprio conteúdo de suas propostas; a substância de suas ideias, por outro lado, é quase sempre vazada em forma específica, de maneira a reforçar o próprio conteúdo.

Segundo Moffitt, o populismo como estilo constituiria, em tradução livre, nos repertórios de performance incorporados pelo líder político, mediados (por órgãos como mídia, associações, partidos, movimentos e outras) e direcionados ao público. Esses repertórios são compostos por domínios retóricos (linguagem escrita, linguagem oral, argumentação, maneiras de comunicação, tom de voz, gestos e linguagem corporal) e estéticos (imagens, moda, auto-apresentação, design). Tais repertórios são utilizados para navegar nos campos de poder e estabelecem pontes entre o domínio do governo e a vida cotidiana.

Para Moffitt, o populismo como estilo pode ser analisado sob o seguinte modelo:

1) dimensão retórica: oposição entre Bem e o Mal, encarnados no povo homogêneo e na elite corrupta e conspiratória;

2) dimensão estética: representada por “maus modos”: retórica e discursos toscos e anedóticos, estética folclórica, em oposição à “compostura”, “racionalidade” e “rigidez” dos políticos tecnocratas;

3) dimensão estratégica: *modus operandi* de “crises, colapsos e ameaças”.

A seguir detalhamos esse modelo.

5.1 Dimensão retórica

O populismo como estilo leva em consideração a linguagem, os discursos oficiais e escritos, nos quais está presente a oposição de bem contra o mal. Nesse aspecto há uma intersecção com análise do populismo nos discursos oficiais.

Contudo, o populismo como estilo inclui elementos da performance política, tantos retóricos quanto estéticos, que a análise de populismo baseado em discursos não leva totalmente em conta: tom de voz, imagens, linguagem corporal, dentre outros. Enquanto as abordagens de populismo como discurso focam no “conteúdo” a abordagem de Moffitt defende que “estilo” e “conteúdo” são interligados, e ambos precisam ser reconhecidos.

A forma e conteúdo são conceitos que se misturam na expressão do líder populista. Os discursos oficiais, portanto, devem ser levados em conta muito além de seu aspecto textual. Para quem foram escritos? Em quais circunstâncias? Utilizando quais repertórios retóricos e estéticos? Em qual tom de voz, sob qual imagem? Para Moffitt, os discursos políticos devem ser analisados levando em conta a amplitude do repertório retórico e estético.

A dimensão retórica está geralmente amalgamada às dimensões seguintes, estética (ou “maus modos”) e estratégica (ou “geração de crises”), à medida que os discursos do líder, por exemplo, são vertidos em estética anedótica ou são dirigidos para criação de crises.

5.2 Dimensão estética

Os “maus modos”, ou “bad manners”, do populista constitui performance para identifica-lo com “o povo”, antagonizar com os políticos tradicionais e reforçá-lo como “outsider” do sistema político. Palavrões, gírias, uso do politicamente incorreto, vestimentas inadequadas, são utilizados como contraposição à rigidez do representantes eleitos e do profissionalismo dos burocratas. Sotaques, níveis de linguagem, gestos, podem igualmente conectar-se com grupos, identidades e ressentimentos existentes na sociedade (Moffitt 2016).

Podemos ressaltar os traços principais da persona populista na tabela a seguir, que opõe características “elevadas” e “baixas” do nível sociocultural e político-cultural. O populista reina no nível “baixo”.

Escala de Ostiguy 209b (adaptado de Moffit 2016)

Nível	Sociocultural	Político-cultural
Elevado	Bem controlado Boas maneiras Composto Racional Ético Rígido Tedioso	Impessoal Regido por procedimentos Legalista/ racional Ação mediada por instituições Controlado
Baixo	Rude, bruto Raivoso Utiliza gírias Descontrolado Gostos populares Anedótico, divertido e interessante comparado aos tecnocratas	Personalista Liderança forte Mais próximo ao “povo” Toma ações de forma “decidida” e “imediate”

Por meio de sua expressão de baixo nível sociocultural e político-cultural, o populista se dedica a “mencionar o que ninguém tem coragem de mencionar” e fazer voz ao “bom senso” da “maioria silenciosa”. Por meios politicamente incorretos, o populista demonstraria a compreensão “real” do que o povo deseja e é (Moffitt 2016).

Moffitt cita metáfora de Arditi's (2007a, 78) que associa o populista como o “convidado bêbado na festa” da política democrática, anotando que populistas desprezam as etiquetas sociais e as “table manners” da política tradicional. Impossível não lembrar da observação, atribuída a Afonso Arinos, de que “Jânio era a UDN de porre.”: um político de espectro conservador, mas com hábitos reprováveis e modos extravagantes, que transitava na política com a delicadeza de um elefante numa loja de louças.

5,3 Dimensão estratégica

De natureza estratégica, a terceira camada do populismo como estilo é a geração de crises.

Moffitt problematiza a crise a partir de série de perguntas. Primeiro, o que é crise? A crise é neutra? Como líderes mobilizam a crise? Elas são causa ou consequência do populismo? São um fenômeno externo ou interno do populismo?

Clássicos como Marx (1981), Schumpeter (1942), Habermas (1975) and Gramsci (1971, 276), viram a crise como “o momento em que o antigo está morrendo e o novo ainda não tem força para nascer”, conforme relembra Moffitt (2016),

O autor evoca Roitman (2011) para defender que crises são construções narrativas para marcar um “momento de verdade”, um “turning point” na história, no qual decisões devem ser tomadas, estabelecendo desse modo uma teleologia. Evocar a crise significa evocar portanto uma norma – uma situação pode ser considerada crise em relação a quê? A crise se torna crise quando é percebida como tal, geralmente quando um problema ganha amplitude maior.

Crises, portanto, nunca são um fenômeno neutro, mas performances construídas por atores determinados, que estabelecem o palco para o êxito de sua atuação. Simultaneamente, são estabelecidos os parâmetros normativos para que problemas sejam considerados crises. E também uma plataforma de ação, geralmente com eleição de bodes expiatórios e e apresentação de medidas radicais para solucionar a crise.

Moffitt não nega que as crises, como as econômicas, possam ser causa do populismo. Mas convida a pensar que a crise constitui sobretudo o *modus operandi* de líderes populistas. A “crise” seria um fenômeno interno e não “externo” do populismo.

A produção de crise, para a liderança política populista, passaria por uma espetacularização política de problemas socioeconômicos e mesmo questões culturais. Por exemplo, alguma questão econômica verdadeira, inventada ou construída (minorias étnicas dominam recursos econômicos) pode ser considerada crise sob um ponto de vista de normativo (para promover o “a pureza” ou o “nacionalismo” esta minoria deve ser “extirpada”).

A crise permitiria à liderança populista a eleição (e eventual perseguição) de bodes expiatórios (as “elites”, os imigrantes, os funcionários públicos, minorias, por exemplo); o ataque a instituições tradicionais (como o Congresso, o Judiciário, o governo anterior); o rebaixamento do debate político e a defesa da “simplificação” de instituições políticas e processos (o que pode implicar soluções que ultrapassem os demais governos, como governar por decreto).

A geração de crises é marcada por relevante dimensão temporal: populistas apresentam propostas abrangentes e alertam para sua urgente necessidade, sob ameaça de que a sociedade mergulhe no precipício. Os problemas ganham dimensão dramática e são escalados.

É um cenário que abre as portas para a defesa de uma “liderança firme” para acabar de vez com os “problemas” que causam a “crise”. A política do consenso, deliberação e negociação é vista como ineficaz; como um empecilho à solução da crise,

enquanto ações políticas decisivas, libertas do sistema de “checks and balances”, são vistas como desejáveis (Moffitt 2016).

Moffitt sugere o modelo a seguir para discriminar os passos da geração de crise para o populista. Os passos não necessariamente ocorrem nesta ordem, ou desta maneira, mas a lista auxilia a análise:

A) identificar uma falha (real, falsa ou construída);

B) elevar a falha ao nível de crise, conectando-a a uma estrutura mais vasta e a delimitando num espaço temporal;

C) Contrapor “o povo” versus aqueles “responsáveis” pela crise;

D) Usar a mídia para propagar a performance;

E) apresentar soluções simples e liderança forte;

F) Continuar a propagar a crise.

A crise, desse modo, é um fenômeno sempre mediado por performances e pode ser vista como elemento-chave do populismo, interno à sua lógica de atuação. Mediante a produção e propagação de crises, juntamente com sua retórica e estética, o populista estabelece um cenário favorável, em tese, para tomada e manutenção de poder. Um quadro que requer construção cuidadosa e deliberada. Pois como afirma Moffitt (2016), “of course, none of these tactics are guaranteed to work.”

5.4. Conclusão: o populismo como estilo

Em conclusão, Moffitt logrou construir um conceito-síntese que abarca facetas de populistas até então exploradas de modo vago ou escorregadio. Moffitt não nega o populismo ideacional; pelo contrário, a noção de oposição entre o bem e o mal está contida no populismo como estilo. Tampouco nega o método de avaliar o populismo de acordo com os discursos oficiais (chega a elogiar Hawkins 2009); apenas acrescenta que, além da literalidade do texto, há todo um repertório retórico (tom de voz, argumentação, qualidade da linguagem) e estético (imagem, vestimentas, design) a serem incorporados pela análise.

Ademais, Moffitt desenvolve conceituação sofisticada do populismo como estratégia de governo: a geração de crises como *modus operandi*, estilo de governar, fenômeno interno e necessário à retroalimentação do populismo. Esse argumento talvez seja, à luz da literatura pertinente, um dos pontos mais altos da contribuição de Moffitt.

Por sua ambição e maximalismo, o conceito de populismo se presta a complementar análises feitas sobre discursos oficiais ou análises feitas com base no populismo ideacional. É o que nos propomos a fazer a seguir.

6. Jânio Quadros e o populismo como estilo

Em 1960 havia um palco social, demográfico, comunicacional, cultural e econômico ideal para um intérprete oportunista e talentoso do repertório conservador das classes populares, que respondesse às exigências dos novos tempos com discursos, estética e estratégia de cunho populista. Que arrumasse bodes expiatórios para inflação; que apresentasse slogans simplificadores para explorar a indignação, o medo e outros sentimentos negativos; que utilizasse uma retórica e uma estética não identificada com o establishment; que representasse um “cultural backlash”, para usar a expressão de Norris & Inglehart (2019): uma reação cultural e moral marcada pelo desejo de ordem frente às rápidas mudanças demográficas e sociais.

Havia naquelas eleições uma “predisposição populista”, conforme definem os teóricos do populismo ideacional (Hawkins e Kaltwasser; Hawkins et al 2018). Tais teóricos afirmam que o populismo é predisposição contínua na sociedade e pode ser “acionada” por líderes e movimentos em determinados contextos. JQ teria logrado captar essas novos sentimentos e demandas, oferecendo uma “pauta” ou “enquadramento” do discurso político.

Essa hipótese não pode ser compreendida sem levar em consideração que o contexto histórico das eleições de 1960 apresenta-se radicalmente distinto do Brasil de 1940, ou mesmo do 1950. O país passara por forte industrialização, urbanização, formação de grandes cidades, êxodo rural, migrações externas e internas e desenvolvimentos dos meios de comunicação.

Cabe sobretudo a Weffort (2003) a associação dessas transformações na sociedade brasileira com o populismo surgido no período democrático 1945-1964. Conforme dados retirados de sua obra (2003):

1) Em 1960, há 72 diários e gazetas para cada 100 mil habitantes das capitais de São Paulo e Rio de Janeiro (periódico de tipo jornal cuja periodicidade é inferior a quatro vezes por semana); nas capitais dos outros Estados, menos urbanizados, é apenas 29 a proporção; nos interiores do Sul e Centro- Sul, a proporção é de 4 e 5 respectivamente.

2) Em 1960, a percentagem de domicílios urbanos com rádio é de 75,8%, 61,7%, 28, 2% nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste, respectivamente; enquanto, nos domicílios rurais, é de 26,6% 7,5% e 1,5% nas mesmas regiões, respectivamente.

3) Em 1934, apenas 6,5% da população total do Brasil era de eleitores, contra 22,2% em 1960; em 1940, 43,8% da população acima dos 15 anos era alfabetizada, enquanto, em 1960, era 60,5%. Vale dizer que, de acordo com a Constituição em vigor (1946), apenas alfabetizados votavam, de forma obrigatória.

4) Contrastando a população das cidades principais do país em 1960 e 1940, temos: São Paulo, 3.825.351/ 1.326.261; Distrito Federal: 3.307.163/ 1.764.141; Recife: 797.234/ 348.424. A população do Brasil cresceu de 41.236.milhões para 70.967 milhões no mesmo período.

5) Há ainda aumento significativo do eleitorado em termos absolutos. Em 1919 havia mais de cem brasileiros para cada voto ao presidente eleito, em 1960 havia 13 brasileiros para cada voto a JQ.

6) Há também aumento do comparecimento às urnas, que de 60% em 1955 passa para 80% em 1960.

Entre 1956 e 1960, o país passara por crescimento de quase 50% do PIB e de pouco mais de 60% na produção industrial. A inflação, que tinha sido de 11,8% em 1955, acelerou para 25,4% em 1960 (Loureiro; Benavides).

O cenário econômico era propício ao sentimento de medo e ansiedade que favorecem o populismo e o autoritarismo. A inflação prejudica sobretudo as camadas mais pobres; mas pode também ter efeitos redistributivos imprevisíveis – fazendo ora uma classe perder, outra ganhar. A inflação pode causar a proletarização, por exemplo, de segmentos de classe média, bem como correlacionar-se a sentimentos difusos de indignação, eminentemente negativos, que aspirem à volta de um passado idealizado, onde “cada um está em seu lugar”.

À inflação somavam-se o crescimento do endividamento do país, os déficits insustentáveis do balanço de pagamentos e a queda dos preços internacionais do café, commodity de cujas exportações o país dependia (Mesquita, 2014).

O modelo de desenvolvimentista de JK, baseado em empréstimos internacionais, estava falido. Brasília havia sido inaugurada, JK não conseguira fazer o seu sucessor, os pobres sofriam com a carestia e a perda do poder de consumo. É preciso ressaltar esse cenário de crise: conforme sintetiza Fausto (Fausto; Gomes 2013): “A mitologia que se criou posteriormente em torno dos tempos felizes dos anos JK, das grandes expectativas

ao alcance da mão, não correspondeu ao modo como a grande massa viveu aquele período inflacionário, do qual foi a principal vítima (p.120)” .

Meio a essa forte crise econômica, a eleição com votos recordes de JQ significou a vitória dos centros urbanos: do total dos votos de JQ nas eleições presidenciais, 78% vieram dos estados-chave e mais urbanizados: Guanabara, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo (Benevides 1979)

O perfil do eleitorado de JQ era o proletariado urbano (Weffort 2003) mas também os estratos econômicos mais elevados, nos quais JQ era “instilador de um ânimo defensivo à classe média tradicional, atormentada pela inflação, temerosa das mudanças que se processavam no país, ansiosa em busca de um messias-estadista para repor as coisas nos seus lugares (Souza e Lamounier 1976, citados por Benevides 1979). Nesse aspecto, vale lembrar que a “vassourinha”, símbolo da campanha de 1960 pode ser vista com duplo simbolismo: varrer a corrupção, na visão dos pobres; varrer a sujeira representada pelos pobres, na perspectiva da classe média ultraconservadora (Souza e Lamounier 1976, citado por Benevides 1979). Tanto o slogan do “tostão contra o milhão” quanto a chamada à “vassourinha” evidenciam palavras de ordem simplificadoras e polarizantes que mobilizavam a insatisfação da população.

Sublinhe-se que seria um equívoco deixar de reconhecer que JQ respondia a demandas políticas legítimas e concretas (Queler 2014). Não se pode subestimar a importância de seus eleitores e das respectivas demandas. Poderíamos recorrer ao conceito de populismo como lógica política de Laclau (2007) para afirmar que JQ cristalizava a insatisfação popular com a inflação, com a corrupção, com as camadas políticas tradicionais, encarnando os interesses e valores de uma nova média urbana, informada por rádio, jornais e até mesmo pela televisão, que começava sua difusão.

Independentemente da perspectiva que se adote, convenha-se que a eleição de JQ em outubro de 1960 pelo nanico PTN representou vitória da antipolítica e de um candidato que se apresentava como outsider - ainda que ele tenha sido antes vereador, deputado estadual, deputado federal, prefeito e governador em 13 anos de carreira política. Representou também a falência dos partidos tradicionais, como PSD-PTB, que governaram em relativa aliança desde o fim do Estado Novo e igualmente da UDN, que apesar de apoiar Jânio não conseguiu eleger o vice-presidente, Milton Campos – como se sabe, as eleições para Presidente e Vice-Presidente eram realizadas em separado. A eleição de João Goulart (PTB) como vice, o chamado “Voto Jan-Jan”, anunciava futuras instabilidades, uma vez que refletia rivalidade partidária de entre PTN-UDN e PTB.

A presente dissertação aborda somente o populismo de JQ durante a sua presidência. Entendemos, no entanto, como provável a hipótese de que JQ foi paulatinamente construindo uma persona populista ao longo carreira, marcada pelo messianismo, por slogans simplificadores e pela oposição discursiva povo vs elite. Suas campanhas e vitórias eleitorais demonstram, ano a ano, um ator em construção, de acordo com as específicas demandas sociais de uma sociedade em transformação.

Graduado em Direito, modesto professor ginasial de português e geografia, de família simples, sem tradição política, JQ teve uma ascensão meteórica na política. 1) Em 1947, é eleito vereador do Partido Democrata Cristão (PDC) em São Paulo; 2) Em 1948 elege-se deputado estadual pelo PDC no Estado; 3) em 1953 ganha a prefeitura de São Paulo com 70% dos votos, com a campanha “tostão contra milhão” (“tem ou não tem razão o homem da rua quando diz que quem rouba um tostão é ladrão, quem rouba um milhão é barão”?). A vitória representou a ascensão de dois pequenos partidos, PDC e PSB, e a derrota de poderosa coligação que incluía UDN, PSD, PTB, PR, ademaristas e comunistas. 4) Em 1954, JQ é eleito governador de São Paulo, contra Ademar de Barros. A campanha do tostão recebe o complemento da vassoura, jingle de rádio que prometia “varrer a corrupção”, que seria usado depois também na famosa campanha à Presidência. Nesse instante, JQ, que sempre teve relação conflituosa com partidos que o abrigaram, rompe com PDC e aproxima-se do PTN; 5) Em 1958 consegue eleger seu sucessor ao governo de SP e ainda elege-se deputado Federal pelo Paraná. 6) Nas eleições de 03/10/1960, JQ, aos 44 anos, é eleito Presidente da República, com 5.636.623 votos, contra 3.846.825 do General Lott e 2.195.709 de Ademar de Barros. Foi a maior votação da história do Brasil até então.

Durante sua presidência, objeto do presente estudo, JQ demonstrou características retóricas, estéticas e estratégicas que o aproximam do conceito de populismo como estilo.

JQ valia-se de repertório retórico e estético específico para aproximar sua imagem do “povo”, antagonizar com os políticos tradicionais e reforçá-lo como “outsider” do sistema político. Sua retórica e discursos toscos e anedóticos, estética folclórica, era oposta à “compostura”, “racionalidade” e “rigidez” dos políticos tecnocratas. Com esse repertório, buscava identificação com grupos conservadores e a mobilização de ressentimentos na sociedade, principalmente relacionados à corrupção e à inflação.

JQ e o Marechal Henrique Lott, seu adversário principal na campanha à presidência, encontravam-se em polos opostos, um representante do populismo como estilo e um político tecnocrata. Lott era de origem aristocrata, engenheiro, legalista,

formal e representava a política racional e tradicional. Um adversário ideal para que JQ reafirmasse sua persona populista.

6.2 Retórica do presidente

A primeira característica da retórica de JQ é a oposição entre “elite” e “povo”, presente desde sua campanha em 1960 e de modo quase permanente em sua presidência, como podemos observar nos discursos direcionados ao público interno analisados em capítulo anterior. Para JQ, a “elite” identifica-se geralmente com a elite administrativa e política, com os herdeiros do getulismo, os funcionários públicos, o próprio Congresso. O “povo”, por outro lado, é entidade homogênea, unificada, permanente, “imune a preconceitos de raça e cor”⁸. Enquanto a elite seria conspiradora, o povo seria o lado ingênuo da equação. Para JQ, essa oposição é maniqueísta e de ordem moral.

JQ seria o autoproclamado representante do “povo”. Como Moffitt (2016) observa, líderes populistas buscam representar o “corpo” do povo. Para JQ, “todos aqueles que se voltam contra mim estão se voltando contra a verdade e a nação” (Benevides 1979).

Além da oposição povo vs elite, as grandes notas da retórica de JQ, sobretudo na campanha e nos discursos para o público interno, são a cruzada anticorrupção, a ideia de redenção nacional, o uso de slogans.

Vale ainda frisar o impacto de elementos textuais e não textuais. JQ era um intelectual, cursara direito no largo de São Francisco e fora professor de português. Alguns de seus discursos, como o da Voz do Brasil, mostram que estava atualizado e era conhecedor profundo dos principais temas econômicos do país. Mas essa formação intelectual não fez de JQ um político com oratória tradicional, clara, concisa. Seu discurso não era racional, marcado por boas maneiras, rígido, tedioso.

Mas a linguagem de JQ tampouco era completamente de baixo registro; JQ não utilizava gírias ou palavras de baixo calão, embora sua expressão fosse emocional, cômica e às vezes raivosa e apocalítica.

JQ cultivava um personagem cabotino e sua linguagem era propositalmente pernóstica, marcada por uso de colocação pronominal escorregia, vocabulário arcaico, argumentação grandiloquente, adjetivos abundantes, pronúncia deliberadamente

⁸ Vide pag. 45

esquisita (falava ressaltando artificialmente a letra “r” por exemplo). Seu discurso era expresso em tom messiânico, quase sempre inflamado, agressivo, ríspido, recheado de ironias. Por vezes, destacava palavras ou frases simplesmente gritando. Sua fala era algo pausada, um indício talvez de que, na maioria das vezes, media suas palavras meticulosamente. Expressava-se de modo insistente, tihoso⁹.

A retórica de JQ era acompanhada do símbolo da “vassoura” que iria “varrer a corrupção.” JQ ganhava contornos de personagem quixotesco ao empunhar a vassoura contra os “moinhos de vento” da corrupção e da elite tradicional. Nas rádios, se ouvia o seu famoso jingle:

“Varre, varre, varre vassourinha!
 Varre, varre a bandalheira!
 Que o povo já 'tá cansado
 De sofrer dessa maneira
 Jânio Quadros é a esperança desse povo abandonado!
 Jânio Quadros é a certeza de um Brasil, moralizado!
 Alerta, meu irmão!
 Vassoura, conterrâneo!
 Vamos vencer com Jânio!”

JQ transformou a vassoura num símbolo para exprimir valores. A gramática valorativa desenvolvida por Heinich (2017) pode ser uma chave dos significados da “vassoura” utilizada por JQ. De uma só vez, evocava vários regimes de valoração – civil, ético, jurídico, pureza, reputacional – e os seus sentimentos correspondentes. A vassoura simbolizava a responsabilidade, o patriotismo, a preocupação com o interesse geral; a moralidade, a decência e o respeito; a legalidade, a conformidade com regramentos, a integridade da coisa pública; o renome e a honra. A vassoura ganhava muita eficácia por mobilizar tantos valores e sentimentos e ainda ter uma dimensão lúdica: ela servia à brincadeira, ao humor, a esculachar os adversários.

Era uma linguagem que o diferenciava dos políticos tradicionais e o singularizava no cenário político do país. Uma linguagem na qual JQ busca impor-se como como

⁹ As melhores fontes para desvendar a retórica e a estética de JQ estão espalhada pelo You Tube. Dentre os numerosos vídeos disponíveis sugere-se:: <https://www.youtube.com/watch?v=mCbGRxw1rGA;>
<https://www.youtube.com/watch?v=HMdJssTrWB8&t=7s>
<https://www.youtube.com/watch?v=-CyN1DWa8V0>

liderança “forte”, personalista, mais próximo ao “povo”, alguém que toma decisões abrangentes e imediatas.

A retórica de JQ também é, excluindo os discursos de política externa, de matriz conservadora, por enfatizar a importância da ordem, tradição e estabilidade meio ao caos econômico e às mudanças demográficas e sociais em curso.

Em resumo, desde sua campanha em 1960 e de modo quase permanente em sua presidência, JQ cultivava a oposição discursiva entre “nós” e “eles”, deslegitimava as estruturas de poder estabelecidas e o papel dos representantes eleitos em democracias liberais, demandando que o “o povo deve governar”. Para usar a descrição de Norris e Inglehart (2019) sobre lideranças populistas, JQ era “colourful, unpredictable, using simple slogans, lofty promises, transgressive statements”.

Por último, chama atenção o papel das mídias com amplificadoras do estilo de JQ. Como é explicitado na bibliografia pertinente, JQ soube aproveitar eficazmente do crescimento das mídias na época. Foi provavelmente a eleição com maior peso da mídia até então: as televisões começavam a passar por uma difusão mais ampla (a TV Tupi fora fundada em 1950), os jornais ampliavam sua influência pelas cidades e o rádio consolidava-se como principal meio de difusão da mensagem política.

A lógica dos meios de comunicação favorece a difusão de retórica e estética simplificadoras, estereotipadas (Moffitt 2016), às quais podemos associar os jingles, a vassoura, o elemento de cruzada anticorrupção. Esses elementos foram disseminados pelas mídias em acelerado crescimento nos centros urbanos, justamente onde JQ angariou a maior parte de seus eleitores.

6.3 Estética do presidente

Comprovando a tese de que forma e conteúdo se confundem, em JQ sua retórica era impulsionada por sua estética; ambas confluíam para impulsionar o caráter antissistema, pró-“povo”, do presidente. A vassoura, por exemplo, era elemento de retórica e de estética, uma imagem que impulsionava a oratória inflamada do candidato.

JQ criou logrou criar uma caricatura de si mesmo, a partir do exagero de suas características físicas e linguagem corporal. O seu estrabismo, enquadrado por óculos de hastes grossas, era sua marca física mais evidente. Apresenta-se como um “Quasímodo”, uma pessoa fisicamente desajeitada, mas afinado aos sentimentos do “povo”.

A linguagem corporal de JQ era desengonçada e algo cômica. A gesticulação que acompanhava o discurso era exagerada, com movimentos incomuns de sobrelance, ombros, cabeça, braços.

A preocupação de JQ com teatro, imagem, moda, era evidente, tendo se valido amplamente do recurso ao histrionismo, à demagogia teatral e à atuação contraditória e ambígua. Durante suas campanhas e comícios, tomava injeções em público, comia sanduíches de mortadela levados nos bolsos, simulava desmaios, era carregado nos ombros do povo. O figurino era composto por roupas desalinhadas, surradas, cabelos e barba mal cortados, ombros cheios de caspa (Benevides 1979).

Em sua presidência houve medidas moralistas, folclóricas, que buscavam reforçar a imagem de JQ de político moralista e não-convencional: decretos proibindo funcionamento dos Jôqueis Clubes nos dias úteis e as brigas de galo em território nacional; proibições de desfiles de “misses” com maiôs cavados em concursos de beleza e do uso de lança-perfume em bailes carnavalescos; decreto obrigando funcionários públicos a usar o chamado “pijânio” - espécie de terno com paletó mais longo, cujo uso teve baixa adesão; medidas absurdas de economia do gasto público como a determinação que papéis velhos dos escritórios de toda administração pública deveriam ser coletados para ação filantrópica. O modo de governar também não seguia o curso institucional dos despachos tradicionais: JQ enviava “bilhetinhos” a ministros para o cumprimento das instruções. Eram mensagens escritas à mão, geralmente curtas.¹⁰

Mediante o recurso a este repertório estético, inseparável do repertório retórico, JQ ganhou as eleições e manteve-se no poder por sete meses, deixando a marca do populismo como estilo.

Os “maus modos” de JQ já eram anunciados em seu primeiro dia de governo, por meio do discurso na Voz do Brasil, em que prometera um governo “rude e áspero”.

Dentre suas primeiras medidas duras e ásperas” que prometera, foi estabelecido horário corrido para o funcionário federal, o controle de ponto e o corte de 30% nas despesas de pessoal, o que deve ter tido impacto enorme haja vista a inflação. JQ já tinha fama de cortar gastos em suas passagens pelo Executivo; naquele quadro de instabilidade e crise econômica, o funcionalismo público era símbolo da “elite” a ser controlada pelo povo. O governo JQ, ainda, não se escusou de interferir na mídia, com suspensão das

¹⁰ Por exemplo: BILHETES do presidente Jânio Quadros ao Ministério das Relações Exteriores, Cadernos do CHDD, Rio de Janeiro, ano 5, n8, p313-484, 1º semestre de 2006. (bilhetes a Afonso Arinos).

emissões da Rádio Jornal do Brasil, acusada de divulgar “notícia inverídica” (Benevides 1979).

Como diz Ferreira 2006 (p 73), JQ “não contemporizava, recusava-se a acordos, a alianças e a entendimentos”. Conforme observamos em entrevistas, quando contrariado, JQ rapidamente tornava-se agressivo e esbravejava. Os traços de rispidez, grosseria, falta de decoro de JQ revelaram-se em série: com autoridades estrangeiras, em sua relação com o Congresso e com seus adversários políticos. Nesse ponto identificamos a junção entre seus “maus modos” e seu modo de governar.

6.4 Estratégia do presidente: um governo de crises

JQ governou sob sete meses de crises sucessivas. Podemos identificar as áreas principais de suas crises: economia, política externa e relações com o Congresso. Sugerimos ainda que a renúncia foi uma tentativa de produzir uma crise.

6.4.1. Economia

Por ocasião de sua campanha JQ não apresentara conteúdo programático claro para os problemas econômicos; nenhum projeto de governo foi divulgado. A trajetória política de JQ até então revela conjunto de ideias econômicas demonstradas de modo vago – a defesa da iniciativa privada, a prudência quanto ao capital estrangeiro, o combate à inflação, o saneamento dos gastos públicos e a defesa dos interesses das classes médias. Esses conjunto de ideias são, a exemplo do discurso da Voz do Brasil, ligados ao binômio povo/elite, ao imperialismo, à identificação do funcionalismo público e dos políticos incumbentes como bodes expiatórios.

A vagueza das propostas parece confirmar a apreciação de Norris & Inglehart (2019) de que os populistas desacreditam as instituições mas ao mesmo tempo são pobres em propostas de governo e políticas, comportando-se de modo “camaleônico”. Analogamente, parecem confirmar a tese do populismo ideacional, segundo a qual o populismo é apenas um conjunto de ideias amparado na discussão maniqueísta entre “povo” e “elite” e não está ligada necessariamente a ideologias ou programas.

No ponto de vista econômico, é inegável que o país enfrentava inflação e diminuição do custo de vida, além do desequilíbrio na balança de pagamentos. O que JQ promoveu, logo após seu discurso na Voz do Brasil, foi a espetacularização desses

problemas e a interpretação de que o país estava diante de um momento-chave de sua história, em que deviam ser tomadas “medidas fortes” sob pena de cair no apocalipse.

A medida forte consistiu na Instrução 204 da SUMOC, de março/1961, primeiro passo de ortodoxia econômica, conduzida pelo ministro da Fazenda, Clemente Mariani, político e economista conservador do PSD. A Instrução tinha como objetivo a desvalorização e a unificação cambial, como instrumentos para reduzir o desequilíbrio do balanço de pagamentos e combater a inflação. A iniciativa contou com o apoio de credores internacionais, aplainando o caminho para a renegociação da dívida externa (Mesquita 2014).

Contudo, a desvalorização cambial do programa, da ordem de 100% em relação ao dólar, resultou em inflação dos bens importados e somou-se às pressões inflacionárias preexistentes, agudizando a alta de preços. Em março-abril de 1961 a inflação dos combustíveis alcançava 42% (Mesquita 2014).

Diante do fracasso do plano de desvalorização, JQ ensaiou mudança brusca de rumos prestes à crise final de seu governo. O custo político do programa de austeridade levou JQ a se tornar receptivo aos conselhos dos intelectuais “desenvolvimentistas” (Skidmore 1992). Por exemplo, em reunião ministerial de junho, o presidente determinou que o ministro das Minas e Energia, João Agripino, coordenasse um grupo de estudos para discutir o conteúdo exato das “reformas estruturais” necessárias ao país. Em agosto, o presidente apoiou o projeto de reforma agrária do deputado do PSD José Joffily. No mesmo mês, o presidente enviou ao Congresso um projeto versando sobre a limitação da remessa de lucros ao exterior. Eventual fracasso na aprovação desses projetos em momento de tamanha premência econômica poderia ser usado por JQ como prova de que a estrutura política brasileira necessitava de alterações (Loureiro 2009), tensionando ainda mais as relações com as instituições.

Segundo o modelo de Moffitt, poderíamos sugerir que JQ seguiu os seguintes passos de geração de crise econômica:

A) identificar uma falha (real, falsa ou construída): os níveis de inflação eram reais e provavelmente inéditos no Brasil do século XX, mas comparáveis a países com mudanças estruturais como rápida industrialização e desenvolvimento, como seus vizinhos sul-americanos¹¹. O país teria inflação muito maior logo após o governo JQ.

¹¹ Há série histórica do IBGE ou da FGV que justificam essa afirmativa. Vide, por exemplo, https://pt.wikipedia.org/wiki/Infla%C3%A7%C3%A3o_no_Brasil

Também não era a primeira vez que o balanço de pagamentos estava afetado por crise em produto primário.

B) elevar a falha ao nível de crise, conectando-a a uma estrutura mais vasta e delimitando-a em espaço temporal: JQ foi responsável por “espetacularizar” a má situação econômica, uma “falha real”, foi transformada em “crise” com dimensões verdadeiramente apocalípticas (vide discurso na Voz do Brasil). As chagas econômicas ameaçavam o país ao colapso e clamavam por medidas firmes e urgentes.

C) Contrapor “o povo” versus aqueles “responsáveis” pela crise: para JQ, a “elite” é a responsável pela crise, que é de natureza tanto econômica quanto moral.

D) Usar a mídia para propagar a performance: JQ usa de discursos oficiais em programas de rádio para amplificar sua mensagem, a exemplo do discurso no dia de sua posse.

E) apresentar soluções simples e liderança forte: JQ optou por mostrar “mão firme” mediante ação que atingia de uma sua vez a quase totalidade dos setores econômicos (a Instrução 204 da SUMOC).

F) Continuar a propagar a crise. Fracassado o programa ortodoxo, JQ passa a discutir “reformas estruturais”, incluindo remessa de lucros ao exterior, a partir de junho de 1961; mal havia completado quatro meses de ortodoxia e JQ dava sinais de um “cavalo de pau” na política econômica, dividindo setores da sociedade.

6.4.2 Política externa

O governo JQ deu-se na Guerra Fria, coincidindo com a mudança de Presidência nos EUA, de Eisenhower (1959- 1960), que não conseguiu fazer sucessor (Richard Nixon) para John Kennedy (1960-1963). O governo brasileiro havia, no governo Eurico Gaspar Dutra, rompido relações diplomáticas com a URSS e fechado sua Embaixada em Pequim.

Neste contexto, JQ funda, a partir de sua presidência, a chamada “Política Externa Independente” (doravante PEI), que durou até o fim do governo João Goulart. Os fundamentos da PEI eram: a mundialização das relações internacionais do Brasil; a atuação isenta de compromissos ideológicos; a ênfase na segmentação entre Norte e Sul, ao invés de Leste e Oeste; a busca de novos mercados para exportação na África e na Ásia; adoção dos princípios da autodeterminação dos povos e da não intervenção. JQ via necessidade de estabelecer relações completas com os países comunistas e defender a

soberania de Cuba. Quando da invasão da Baía dos Porcos, em abril de 1961, manifestou “profunda apreensão” e pediu “cessação imediata das hostilidades (Cervo e Bueno 2002)”. A PEI, em sua dimensão diplomática, pode ser vista como uma reação nacionalista aos EUA; em sua dimensão econômica, uma reação à deterioração dos termos de troca; em sua dimensão social, o resultado das transformações internas da sociedade brasileira, a exemplo da urbanização e da industrialização (Vizenti, 2004).

Vimos que os discursos oficiais de política externa de JQ são notadamente pluralistas, em contraste com os discursos populistas para o público interno. Não obstante, a política externa dos sete meses de governo contribuiu para gerar crises com os setores conservadores internos e com os Estados Unidos.

A PEI era um elemento de contradição interna no governo conservador de JQ, que tinha o udenista Afonso Arino de Mello Franco, senador pelo Estado da Guanabara, como Ministro das Relações Exteriores. A PEI provocava oposição dos conservadores e da imprensa, particularmente, com grande estardalhaço, do governador da Guanabara, Carlos Lacerda (UDN). Foi sobretudo em sua política externa que JQ revelou afastamento em relação a seus apoiadores da UDN (Skidmore 1992).

Há sinais de que JQ utilizava-se da política externa como mecanismo para agradar os segmentos nacionalistas e de esquerda, em contraste calculado com sua política econômica de estabilização ortodoxa. JQ visitara Cuba em março de 1960, já antes da Presidência, mas os EUA viam então o candidato com bons olhos pelas críticas de JQ ao nacionalismo, sua aliança ao udenismo e suas críticas às políticas de inclinação desenvolvimentista. Depois da eleição em outubro de 1960, JQ enviou emissário aos EUA, João Dantas, que ouviu críticas ao eventual reatamento das relações diplomáticas do Brasil à URSS (Pontes 2019). As relações diplomáticas com aquele país não seriam normalizadas por JQ, mas por João Goulart, em novembro de 1961.

A produção de crise com os EUA parece igualmente calculada. Para os EUA, cortejar JQ era importante como forma de conter qualquer posição pró-Cuba do futuro governo brasileiro. Eleito, JQ recebeu convite de Eisenhower em novembro de 1960 para visitar o país nos dias 6 e 7 de dezembro. Duas semanas depois, sequer tinha respondido. O convite foi posteriormente declinado sob o argumento de que convites similares de chefes de Estado e de Governo de outros países não puderam ser atendidos. JQ, no entanto, viajou em seguida para a Europa.

JQ também recebeu convite de John F. Kennedy, seu homólogo também recém-empossado, para visitar os Estados Unidos. Assim como fizera com a oferta de

Eisenhower, declinou. De Londres, onde estava, pediu que fossem apresentadas escusas a Kennedy, já que, “por motivo de saúde”, não poderia deslocar-se aos Estados Unidos (Pontes 2019).

Além da negligência com os pedidos norte-americanos, os “maus modos” de JQ são expressos por sua hesitação em receber auxílio financeiro americano, especialmente tendo em vista a dificuldade do Governo JK em consegui-lo. O ex-embaixador dos EUA no Brasil nos governos Dutra e Getúlio, Adolf Berle, visitou JQ em maio de 1961. A conversa é reveladora dos novos rumos que deveriam tomar as relações bilaterais. De modo a pavimentar o caminho para boas relações, Berle anunciou linha de crédito de US\$ 100 milhões do Exibank ao Brasil. Surpreendentemente, JQ disse ter dúvidas se seria o caso de aceitar a oferta, uma vez que ela não serviria, por si só, para resolver os graves problemas financeiros do Brasil. O então embaixador dos EUA no Brasil, John Cabot, não deixou de registrar que na mesa de JQ havia uma foto de Tito e uma estátua de ébano enviada por Che Guevara (Pontes 2019).

A maneira de agir com os EUA, da parte de JQ, pode ser explicada talvez por uma interpretação singular das relações bilaterais. Como afirma Pontes (2019), Roberto Campos oferece chaves interpretativas para entender os gestos de JQ em sua autobiografia “Lanterna de Popa”. Indicado por JQ para a embaixada em Washington pouco antes da renúncia, Campos relata que o então presidente lhe teria dito ser necessário agir de maneira “dura” com os Estados Unidos, porque a política externa norte-americana seria orientada por uma “inclinação masoquista” (“masochistic bent”): tratar mal os amigos e ao mesmo tempo realizar concessões e bajular os inimigos. Caso essa hipótese esteseja correta, os “maus modos” de JQ com os EUA eram fruto de um cálculo político. Compreender-se-ia, desse modo, sua negligência com os pedidos de encontro com autoridades norte-americanas, o fato de ser propositalmente desagradável em encontros com autoridades daquele país, e, quem sabe, a sua inclinação a uma política externa elogiosa a Cuba e simpática à grupos de esquerda no Brasil.

6.4.3 Relações com o Congresso

A relação de JQ com o Congresso é reveladora do populismo de JQ, na medida em que 1) seus discursos mencionam a oposição entre a “elite” e “povo”, identificando a primeira com os parlamentares e o segundo com o presidente; trata-se de oposição moral

e maniqueísta, nos termos do populismo ideacional; 2) demonstra o exercício de estratégia de governo marcada pela crise.

No discurso da Voz do Brasil, a vontade popular é identificada com o presidente; a eleição dera cabo a anos de um sistema que conspirara contra o bem comum; a necessidade de apoio do Legislativo é mencionada em dois trechos, mas convive com a provocação de inaugurar “novos órgãos” para a “mecânica popular”; a ameaça de uso da “vassoura”; o anúncio de um governo “rude e áspero”. Com esse discurso, JQ inaugura uma relação conflituosa com o Congresso.

As circunstâncias eram desfavoráveis. Primeiro, de acordo com a Constituição, o Vice-Presidente era o Presidente do Congresso à época. Isso significaria que João Goulart, da coalização rival de JQ, ocuparia a cadeira. Segundo, o cenário no Congresso, eleito em 1958, era de oposição a JQ; salvo alterações marginais, até 1962, os principais partidos da oposição formal a JQ, a saber, PSD e PTB, tinham, em conjunto, 64%,¹ e 58% das cadeiras na Câmara e no Senado, respectivamente (Loureiro 2009).

Passado o discurso desagregador, JQ viajou à Europa, sem haver escolhido líderes ou porta-voz no Parlamento. Tendo em consideração o “completo desinteresse de JQ pelo Congresso” – como declarariam, posteriormente, líderes da UDN - a base de JQ perdeu, logo após a posse presidencial, as Presidências da Câmara e do Senado para o bloco PSD-PTB (Loureiro 2009).

Elemento crucial na produção de crise com o Congresso foi a abertura de Comissões de Inquérito e Sindicâncias. Tais sindicâncias foram abertas no segundo dia de governo JQ, sem qualquer consulta aos congressistas, e eram presididas e conduzidas, em sua maioria, por militares. As sindicâncias representavam, melhor que qualquer outra política, o símbolo da vassoura empunhado por JQ.

As sindicâncias eram dezenas de inquéritos administrativos que tendiam a comprometer medidas, pessoas ou grupos vinculados ao governo JK. As devassas miravam a aliança PSD-PTB e a herança getulista. Houve sindicâncias na COFAO, no Instituto Brasileiro de Café, no IBGE, na SUMOC, na RFFSA, na Cia Vale do Rio Doce, dentre várias outras (Benevides 1979). Os relatórios finais eram propagados pela imprensa e o direito de defesa era virtualmente inexistente.

Uma dessas sindicâncias resultou em confronto direto com o Vice-Presidente João Goulart. Em abril de 1961, os relatórios de conclusão das sindicâncias instaladas no SAPS (Serviço de Apoio à Previdência Social) e no IAPB (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários) mencionaram seu nome como um dos envolvidos. Como descreve

Loureiro 2009, “Após várias tentativas de contato malsucedidas junto aos chefes dessas sindicâncias, Jango enviou uma carta ao presidente da República demandando a retirada do seu nome de tais relatórios, já que, segundo ele, não havia o porquê de o mesmo ali permanecer: não se mencionavam objetivamente no texto nem os crimes que, supostamente, ele teria cometido, e nem, muito menos, as suas respectivas provas. Em um exemplo de seus “maus modos”, a resposta de JQ a Goulart foi lacônica e ácida, “Restitua-se a carta ao vice-presidente da República, por não se encontrar vazada em termos próprios, além de não representar a verdade”.

A resposta de JQ mostrou sua negligência e desinteresse em dialogar com os partidos e o Congresso e, portanto, de em considerá-los como um ator político legítimo; representou um aqulamento de uma crise pré-existente (Loureiro 2009). A carta de JQ a Goulart foi encarada pela oposição como ameaça ao próprio Congresso Nacional, de modo que o PSD conseguiu emplacar uma comissão para investigar crimes de responsabilidade de JQ por “usurpação dos poderes Executivos pelo Executivo Federal”. Foi criada também uma CPI para investigar as sindicâncias.

De modo geral, JQ atuou para esvaziar as funções institucionais do Congresso e enfraquecer a legitimidade deste junto à opinião pública. Quando se sentia atingido pelo Congresso Nacional, recorria à sua autoridade popular e, sugerindo relação direta com a população, ameaava “ir aos comícios pedir apoio do povo”. De acordo com Loureiro (2009), ao fazê-lo, “também representava um perigo para as próprias práticas políticas brasileiras, baseadas no patrimonialismo e no clientelismo”. JQ negligenciava inclusive o debate com a UDN, que apoiara sua eleição. O reforço permanente do antagonismo, por parte de ambos os atores principais, entre JQ e o governador da Guanabara, Carlos Lacerda (UDN), correspondia para a toxicidade do ambiente político.

Além de crises com o Parlamento, JQ também produziu crise com a federação, com a criação de subchefias militares regionais ligadas diretamente ao presidente da República, escapando à relação com governadores e prefeitos. Congressistas chegaram a denominar os militares regionais como “interventores mascarados” (Loureiro 2009).

Em resumo, a atuação de JQ junto ao Congresso - e também junto a partidos, governadores, prefeitos - foi marcada, em geral, pelo signo da geração de crises, causando frequentes paralisação de políticas, debates polêmicos e ameaças de colapsos, que transcendiam o nível governamental e polarizavam a sociedade.

De acordo com a sugestão de modelo apresentada por Moffitt (2016), podemos indicar o seguinte *modus operandi* de JQ com parlamentares e a federação:

A) identificar uma falha (real, falsa ou construída): Para JQ, políticos não representavam o “povo”, mas a “elite”. O Congresso, no fundo, falhava em representar o “povo”.

B) elevar a falha ao nível de crise, conectando-a a uma estrutura mais vasta e a delimitando num espaço temporal: A falta de maioria no parlamento, a identificação dos políticos em geral como representantes da “elite” leva a uma compreensão de que somente através de “expurgos” pelas sindicâncias e “interventores” nos estados se responderá à urgência e abrangência dos problemas da nação.

C) Contrapor “o povo” versus aqueles “responsáveis” pela crise: sempre que possível, como demonstram os discursos oficiais, JQ identifica-se com o povo e ameaça voltar-se contra a elite política, identificados com sobretudo com o Congresso.

D) Usar a mídia para propagar a performance: Em ambiente com mais jornais e rádio, circulando sobretudo nos novos e crescentes centros urbanos, JQ valeu-se de discursos oficiais em veículos de rádio (como a Voz do Brasil) para propagar sua estética e retórica e promover o conflito com as forças tradicionais.

E) apresentar soluções simples e liderança forte; JQ seria o líder de uma cruzada moralista.

F) Continuar a propagar a crise: JQ estimulou a crise Executivo-Legislativo, nota permanente de seus sete meses de governo, como mostra o exemplo das sindicâncias. Também propagou crises com a federação, como demonstram a criação de subchefias regionais e o embate permanente com seu mais notável opositor, o governador da Guanabara, Carlos Lacerda.

6.4.4 A renúncia: uma tentativa de crise?

Há um ponto praticamente consensual na bibliografia sobre JQ: apesar de não ser possível comprovar empiricamente, a renúncia, 25 de agosto de 1961, teria sido uma tentativa de golpe malsucedida.

Estranhamente, parece que esticar a corda até a renúncia era parte da *rationale* de JQ.. Em 1959, JQ retirara sua candidatura à presidência porque fora impedido pela UDN de participar da campanha para o governador de Sergipe; JQ retomou a candidatura após pressão popular e a UDN aceitar que tivesse candidato preferido àquele Estado (Queler 2022, p.385). Mesmo em sua trajetória profissional como professor, JQ anunciara sua

demissão de escolas somente para retornar no dia seguinte (Shimidt, 2012). Mais tarde, em 1987, teria tramado renunciar à prefeitura de São Paulo¹².

A dimensão estratégica do populismo como estilo nos oferece chaves interpretativas adicionais para imaginar, já que não há evidências, qual seria a pretensão de JQ com a renúncia. A carta-renúncia pode ser vista como tentativa de JQ de produzir uma crise. Já havia razões para acionar a bomba: a condecoração a Che Guevara em 19 de agosto, seis dias antes da carta-renúncia, havia incendiado o meio militar e, em particular, Carlos Lacerda, que acusava pelo rádio JQ de tentar dar um golpe de estado; a relação com o Congresso e a maioria dos Estados estava esgarçada; a inflação aumentava, penalizando os pobres e a classe média. De acordo com o “manual” do populista: seria necessário uma ação extravagante que o permitisse retomar o controle do jogo com poderes ampliados.

O ato de renúncia, portanto, teria sido um cálculo político equivocado, Provavelmente JQ apostou que as Forças Armadas e setores conservadores da sociedade clamariam por sua volta ao trono. O fato de mencionar as Forças Armadas, a igreja e a família na carta-renúncia reforça essa hipótese.

Talvez JQ acreditasse que Goulart não seria aceito como presidente, como representante mais à esquerda do espectro político. Mas o Congresso aceitou prontamente a renúncia de JQ. O Brasil então quase mergulhou em guerra civil e, nos dias em que Goulart retornava às pressas de sua viagem à China, era costurada uma solução parlamentarista.

7. Conclusão: a presidência de Jânio à luz de conceitos contemporâneos de populismo

“Though this be madness, there is method in’t”

Polonius¹³

Parcelas consideráveis da academia e, em especial, do jornalismo, tratam JQ como “difícil”, “desequilibrado” ou “louco”. Inspirados pela frase de Polonius que abre a

¹² <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/12/21/janio-carta-renuncia-prefeitura-sp-1987.htm>

¹³ Shakespeare, William. The Tragedy of Hamlet. The complete works based on the 1974 Riverside Edition.

presente conclusão, julgamos que, ainda que houvesse loucura em JQ, haveria nela algum método; ou, melhor dizendo, havia mais método em sua loucura do que loucura em seu método. A vitória de JQ à presidência resultou de equação delicada entre virtú e fortuna, que envolvia uma leitura inteligente da sociedade em transformação, cálculo político perspicaz, realce deliberado de certos traços de sua personalidade e construção gradual de um personagem. Desse modo, JQ foi capaz de posicionar-se como intérprete de demandas concretas e difusas da população, da perda de poder aquisitivo à luta contra a política tradicional. Governar, no entanto, revelou-se mais difícil que eleger-se.

O populismo de JQ em seus sete meses de presidência foi analisado na dissertação sob o prisma do populismo ideacional e do populismo como estilo. Essa análise se desdobrou em quatro estruturas ou dimensões, com as respectivas fontes: a ideacional, com foco nos discursos oficiais; a retórica, com foco em elementos de comunicação não textuais; a estética, com base na autorepresentação de JQ, na construção de um personagem com determinados estereótipos, a exemplo dos notórios “maus modos”; e a estratégica, enfatizando a criação de crises, especialmente nas áreas de economia, política externa e relações com o Congresso.

Primeiro passo, a análise segundo o populismo ideacional exigiu que fossem buscados nos discursos oficiais marcas que indicassem, em algum grau, o conteúdo do conceito: populismo como ideia vaga, que opõe de modo moral e maniqueísta um povo idealizado e a elite corrupta. Foram examinados, de acordo com a metodologia de Hawkins (2009), quatro discursos-chave: o de posse, considerado como o da Voz do Brasil; um de campanha; um de política externa; e a carta-renúncia. Foi alcançada a média 1,3. É uma pontuação que o posiciona entre líderes populistas e autoriza a classificação de sua liderança como tal. A título de comparação, de acordo com a *Global Populism Database*: o argentino Perón alcança 1,5 (1946-1955), o mexicano Cárdenas 0,75 (1934-1940), o brasileiro Vargas 1 (em seu primeiro governo, 1930-1945) e 0,9 (em seu segundo governo 1951-1954).

Em segundo lugar, numa dimensão retórica mais ampla, isto é, além dos textos oficiais, há o reforço do discurso o entre Bem (que seria o povo) e o Mal (a elite corrupta), coincidindo na direção populista. Na linguagem de JQ conviviam elementos aparentemente contraditórios, como o cabotinismo, o tom apocalíptico e injúrias a seus adversários políticos. Os discursos, feitos por rádio, alcançavam público urbano considerável, seu principal eleitor. O tom pausado era por vezes interrompido por acessos de raiva programada. O tom ameaçador era por vezes seguido por uma falsa moderação.

A oratória de JQ durante a Presidência, exceção feita aos discursos de política externa, ampliava a literalidade de seus textos e reforçava sua identificação com o povo, que estava numa cruzada moral contra a elite corrupta representada pelo Congresso e pelos funcionários públicos.

Em terceiro lugar, do ponto de vista estético, pode-se afirmar que JQ criou uma *persona* populista. Ao longo de sua carreira política, JQ encarregou-se da preparação do ator e da construção do personagem, para utilizar os títulos do teatrólogo russo Constantin Stanislavski. À medida que as circunstâncias eleitorais validavam seu método e ia se consagrando como vencedor de eleições, JQ construiu um estereótipo de si mesmo, com seu estrabismo, sua vassourinha contra a corrupção, seu slogan do tostão contra o milhão, seus gestos cuidadosamente desengonçados, sua cafonice algo cômica.

Tratava-se de apresentar-se como alternativa ao sistema político tradicional; tratava-se de buscar identificação direta com interesses do povo; tratava-se de arregimentar acólitos para a cruzada anticorrupção. Certa euforia que ainda vemos nos comícios dá espaço a um personagem com estética mais sombria no cenário da presidência: a ameaça de utilizar a “vassoura” ganha termos concretos com as sindicâncias, o arrocho econômico, o tratamento belicoso dos adversários políticos.

Em quarto lugar, as evidências históricas apontam que JQ adotou, durante sua presidência, um *modus operandi* de criação permanente de crises. Apesar da votação recorde que recebera, os ventos da fortuna não eram bons: o país estava em condições econômicas desfavoráveis, não tinha maioria no Congresso e romperia no início de seu governo com o governador da Guanabara, Carlos Lacerda, criando assim um notório oponente no campo conservador das classes médias.

Parece claro que JQ buscou, seja por estratégia ou temperamento, o caminho de governar por conflitos, sem fazer concessões, elegendo bodes expiatórios, tendo atitudes autoritárias e principescas e amplificando crises com discursos de chamada à vontade popular contra adversários. Na área econômica, baixou a instrução 204 da SUMOC, de natureza ortodoxa, com efeitos saneadores mas recessivos na economia nacional; com a persistência da inflação, ameaçou medidas heterodoxas: recorreu a intelectuais desenvolvimentistas, cogitando tocar em verdadeiras “caixas de marimondo” nomeadamente remessas de lucros ao exterior e reforma agrária. Na área de política externa, que tanto agitava conservadores e militares, recusou ajuda externa norte-americana e fez questão de ostentar suas “más maneiras” a autoridades daquele país. Na área das relações com o Congresso, declarou guerra aos parlamentares desde o discurso

de posse com as ameaças de uso da “vassoura” e de “órgãos diretos de mecânica popular”, não considerou o Legislativo como instituição de diálogo legítimo, sempre recorreu à sua autoridade messiânica quando contrariado, e instaurou as sindicâncias, perseguindo diversos adversários políticos, incluindo o vice Goulart.

A justaposição e retroalimentação foram a marca da geração de crises no governo JQ. A oscilação entre políticas conservadoras, como o arrocho econômico e os decretos moralistas, e políticas progressistas, como a PEI, causavam falta de unidade no Congresso, no meio militar e também na população, que seguia amargando a crescente inflação. Desse ponto de vista, JQ foi, de certo modo, vítima das próprias crises que alimentou; ao final de sua presidência, acossado, ele carecia de elementos cruciais para a governabilidade, tais como partido forte, união das Forças Armadas, apoio no Congresso, ideologia. Como bem observou Moffitt (2016), nada garante que as táticas populistas irão funcionar.

A dissertação nos leva a uma sequência de conclusões.

A primeira é a de que presidência de JQ pode ser considerada populista pelo conjunto de métodos aplicados, que reforçam mutuamente essa conclusão. Os discursos, a retórica, a estética, a estratégia integram-se para formar um *specimen* populista. A ideia vaga de oposição moralista e maniqueísta entre o povo idealizado e a elite corrupta, definição do populismo ideacional, está presente, na verdade, em todas as dimensões. Verifica-se, desse modo, o fortalecimento mútuo dos eixos metodológicos e um círculo vicioso: a literalidade dos discursos é amplificada pela comunicação num sentido mais amplo, vertida numa estética populista e direcionada a gerar crises; o que leva JQ a mais discursos e táticas populistas, numa “roda-viva” populista.

Essa conclusão não é incompatível, diga-se, com interpretações dos anos 1970, devidamente referenciadas, que atribuem o populismo de JQ seja à sua liderança carismática seja às transformações socioeconômicas em curso nos anos 1950 e 1960 como a industrialização, a urbanização, a imigração. Como indicamos, havia um palco favorável para um intérprete das demandas sociais de uma sociedade em transformação, que exercesse uma liderança – para usar as célebres categorias weberianas - não racional, não tradicional, mas antes carismática. Entretanto, consideramos que essas interpretações, embora mantenham sua atualidade, podem ser consideradas parciais à luz das novas avenidas de estudos sobre populismo abertas no século XXI.

A segunda conclusão é a de que a análise do populismo em JQ não é acessória, mas fundamental ao entendimento de sua presidência. Sem o estudo de seu discurso

belicoso, de sua retórica apocalíptica, de sua estética histriônica, de sua estratégia de gerar crises, dificilmente se poderá investigar sua presidência, em quaisquer áreas; dificilmente se poderá entender as causas de sua ascensão e de sua queda; dificilmente se poderá entender as consequências de seu governo para a política e as instituições brasileiras.

Com relação ao último aspecto, sublinhe-se que a passagem de JQ pela presidência não se fez sem avarias. Com seu discurso e estilo, JQ fortaleceu antagonismos político-ideológicos pré-existentes entre grupos desenvolvimentistas, nacionalistas, liberais, trabalhistas, anticomunistas. Com sua renúncia, JQ contribuiu para deslegitimar o poder do voto. Valorizou em excesso o papel dos militares com a participação destes nas sindicâncias. Enfraqueceu os partidos. Erodio a possível formação de uma cultura cívica liberal no Brasil (Benevides 1979). Com sua estratégia populista de governar, passando por cima do Congresso e dos Estados, contribuiu para a corrosão da democracia “por dentro”. Sua política externa exacerbou sentimentos anticomunistas no país e ascendeu a luz amarela na relação com os EUA. Tais circunstâncias vieram a contribuir para pavimentar o caminho para, anos depois, o golpe civil-militar de 1964.

Por fim, a presidência de JQ pela parece confirmar a conclusão geral da literatura acadêmica de que os efeitos do populismo são, geralmente, nocivos à democracia, com impactos diretos ou indiretos sobre eleições ou direitos civis. A sociedade tende a dividir-se de modo os cidadãos não serem apenas ideologicamente distantes, mas desejarem a não-coexistência (vide Kaltwasser 2019, conclusão). Polarizações como entre JQ e Lacerda ou entre o udenismo e o trabalhismo foram exacerbadas de modo a cristalizarem-se e a tornarem-se praticamente irreversíveis. A tendência de JQ de demonizar adversários mostrou-se perigosa e resultou em descrédito do Congresso e perseguições políticas através das sindicâncias. Uma vez assim dividida, a sociedade não é facilmente reconciliada.

Com a centralidade do estudo do populismo em JQ e do fenômeno da renovação da literatura sobre populismo nas últimas décadas, espera-se que o estudo sobre JQ possa também passar por transformações e renovações, com novos temas, matizes, interpretações. O estudo sobre o populismo também pode beneficiar-se da inclusão de JQ no rol de populistas na *Global Populism Database*, incentivando pesquisas sobre causas do populismo e comparações com outros populistas, dentre outras. O próprio estudo sobre populismo é enriquecido com o acréscimo de JQ e de suas peculiaridades, o que demonstra que o populismo, apesar de conceito polissêmico e disputado nas Ciências

Sociais, permanece útil à interpretação de líderes, movimentos, partidos. A presente dissertação é parte desse esforço.

8. Referências bibliográficas

Livros:

ADORNO, Theodore W. Else Fraenkel-Brunswik, Davvid J. Levinson, R. Nevitt. The authoritarian Personality. New York: Harper& Row: 1950.

BENEVIDES, Maria Victoria. O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política. 3 ed; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. História da Política Exterior do Brasil. 5. ed. Brasília: Ed. UNB, 2015.

CHAIA, Vera. A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990). 1. ed. Ibitinga: Humanidades: 1991.

DORNSBUCH, Rüdiger and EDWARDS, Sebastian. (eds). 1991. The Macroeconomics of Populism in Latin America. Chicago: University of Chicago Press.

HAWKINS, K. A. et al. (EDS.). The ideational approach to populism: concept, theory, and analysis. London, New York, NY: Routledge, 2018.

HEINICH, Nathalie. Des valeurs. Une approche sociologique. Bibliothèque des sciences humaines. Éditions Gallimard. 2017

FERREIRA, Jorge. A democracia no Brasil (1945-1964). Coord. Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado. São Paulo: Atual, 2006

LACLAU, Ernesto. On populist reason. Paperback ed ed. London: Verso, 2007.

LIPSET, Seymour Martin. Political Man: The Social Bases of Politics, Expanded Edition. Expanded edition ed. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1981.

GOMES, Angela de Castro (coord.) Olhando Para dentro 1930-1964, Companhia das Letras. São Paulo: 2013.

IONESCU, Ghita, e GELLNER Ernest , editors. Populism: Its Meanings and National Characteristics, London: Weidenfeld and Nicholson.1969.

MOFFITT, Benjamin. The global rise of populism: performance, political style, and representation. Stanford, California: Stanford University Press, 2016.

MUDDE, Cas. *Populist Radical Right Parties in Europe*. [s.l.] Cambridge University Press, 2007.

NORRIS, Pipa e INGLEHART, Ronald. *Cultural Backlash. Trump, Brexit and Authoritarian Populism*. Cambridge. University Press, 2019.

ROVIRA KALTWASSER, C. et al. (EDS.). *The Oxford handbook of populism*. First edition ed. Oxford, United Kingdom; New York: Oxford University Press, 2017.

SHILS, Edward Albert. *The torment of secrecy: the background and consequences of American security policies*. Chicago: Ivan R. Dee, 1996.

SHMIDT, Bernardo. Jânio. *Vida e morte do homem da renúncia. O Patativa*. São Paulo, 2012

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WEFFORT, Francisco: *O populismo na política Brasileira*. 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. *Relações Exteriores do Brasil (1945-1964)*. 1 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

Artigos e capítulos:

AGUIAR, João Catraio. “The legislative influence on the foreign policy of Jânio Quadros”. *Revista Interação*, n 20(1). Jan 2020.

AGUILAR, R. e CARLYN, R.E. “Populist Voters: the role of voter authoritarianism and ideology” in KALTWASSER, C.R; TAGGAR P; ESPEJO, P.O; OSTIGUY, P. (ORG). *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford University Press. Oxford: 2017.

DI TELLA, T. *Populism and reform in Latin America. Obstacles to change in Latin America, Obstacles to change in Latin America*. - London [u.a.] : Oxford Univ. Press. - 1965, p. 47-74. 1965

KALTWASSER, C.R; TAGGAR P; ESPEJO, P.O; e OSTIGUY, P. “Populism: an overview of the Concept and the State of the Art”. in KALTWASSER, C.R; TAGGAR

P; ESPEJO, P.O; OSTIGUY, P. (ORG). The Oxford Handbook of Populism. Oxford University Press. Oxford: 2017.

HAWKINS, KIRK A. “Is Chávez Populist? Measuring Populist Discourse in Comparative perspective”. Comparative Political Studies. Vol. 42; 8; August 2009.

HAWKINS, KIRK A.; Aguilar, Rosario; Castanho Silva, Bruno; Jenne, Erin K.; Kocijan, Bojana; Rovira Kaltwasser, Cristóbal, 2019, "Global Populism Database", <https://doi.org/10.7910/DVN/LFTQEZ>, Harvard Dataverse, V2,

LARA, José Victor. “Um novo paradigma? A Política Externa Independente do governo Jânio Quadros”. Revista Espaço Acadêmico, n. 204 - maio 2018.

MANZUR, Tânia Maria P. G. “A Política Externa Independentes (PEI): antecedentes, apogeu e declínio. Revista Lua Nova, São Paulo, Vol 93: 169-199, 2014.

MESQUITA, M. M. C. “Inflação, estagnação e ruptura, 1961-1964”, in: ABREU, M. P. (org). A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana: 1889-1989. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier: 2014.

MUDDE, C. Three decades of populist radical right parties in Western Europe: So what? European Journal of Political Research, v. 52, n. 1, p. 1–19, 2013.

QUELER, Jefferson José. ”Quando o eleitor faz a propaganda política: o engajamento popular na campanha eleitoral de Jânio Quadros (1959-1960)”. Dossiê: 1946-1964: A Experiência Democrática no Brasil. Revista Tempo n 14 (28), jun 2010.

QUELER, Jefferson José. “Jânio Quadros, o Pai dos Pobres: tradição e paternalismo na projeção do líder”. RBCS, Vol. 29, n 84, fev 2014.

QUELER, Jefferson José. “O governo Jânio Quadros entre a política e o personalismo”. O Brasil republicano. O tempo da experiência democrática de 1945 ao golpe civil-militar de 1964 d 10 edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2022

LOUREIRO, Felipe Pereira. “Sweeping” democracy: considerations on the political relations between Jânio Quadros and the Natonal Congress.”. Revista Brasileira de História. n 29 (57), jun 2009.

LOUREIRO, Felipe Pereira. “Dois pesos, duas medidas: os acordos financeiros de maio de 1961 entre Brasil e Estados Unidos durante os governos de Jânio Quadros e João

Goulart (1961-1962)". *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 22, n. 2 (48): 547-576, ago 2013.

SACHS, Jeffrey D. 1989. "Social conflict and populist policies in Latin America," NBER Working Paper, 2897.

Teses e dissertações:

LOUREIRO, Felipe Ferreira. *Empresários, Trabalhadores e Grupos de Interesse: a Política Econômica nos Governos Jânio Quadros e João Goulart, 1961-1964*. Tese de Doutorado em História Econômica, Departamento de História, Universidade de São Paulo. 2012.

PONTES, Kassius Diniz da Silva. *A parceria frustrada: JK e os Estados Unidos*. Tese de Doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História. Instituto de Ciências Humanas. Universidade de Brasília. 2019.

RESENDE, Carlos Augusto Rollenberg de. *Política Externa Independente: as relações com os Estados Unidos na busca por autonomia*. Dissertação de mestrado. Departamento de Relações Internacionais. Universidade de Brasília, 2009.

Fontes primárias:

BILHETES do presidente Jânio Quadros ao Ministério das Relações Exteriores, Cadernos do CHDD, Rio de Janeiro, ano 5, n8, p313-484, 1º semestre de 2006. (bilhetes a Afonso Arinos).

BRASIL, Câmara dos deputados. *Diários da Câmara dos Deputados*. março a agosto de 1961; Brasília: Câmara dos Deputados Federais, 1961.

BRASIL, Senado Federal. *Anais do Senado*, anais dos meses de fevereiro a agosto de 1961. Brasília: Senado Federal, 1974.

FRANCO, Álvaro da Costa. *Documentos da política externa independente*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2v: Brasília, 2008.

MUNIZ, Camille Bezerra de Aguiar (org.). *Discursos selecionados do Presidente Jânio Quadros*. Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília, 2010.

